

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

RAFAEL PERUZZO JARDIM

O LIVRO DAS SOMBRAS

PORTO ALEGRE

2010

RAFAEL PERUZZO JARDIM

O LIVRO DAS SOMBRAS

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

Porto Alegre
2010

Sumário

O telefone	8
1 O fio e o caracol	9
2 A luneta	10
3 A alavanca	11
4 O telefone	12
5 Eis-me aqui	14
6 No ar	15
7 A sarça ardente	16
8 Pedro II	17
9 Extrema-unção	18
As sombras	21
10 Um sonho	22
11 Outro sonho	23
12 Não é verdade!	24
13 Religião em casa	25
14 Prenda o padre!	26
15 O rádio no ar	27
16 As Sombras	29
A proposta	31
17 Nova Iorque	32
18 Pneumonia	35
19 Carta a Guilherme	36
20 Os inventores	37
21 A proposta	39
22 A entrevista	41
Um exorcismo	42
23 Três curas?	43
24 Um exorcismo	45
25 Atormentadores	48
26 As duas igrejas	50

27 Vida, ossos, carne	51
28 Aqueles que são maus	53
29 Verdade ou mistificação	54
Vallumbrosius	56
30 Porto Alegre, 1908	57
31 A caixinha	58
32 No cinema	59
33 Outros planetas	60
34 A sombra	61
35 O acidente	62
36 Terá pai a chuva?	63
37 Quem gera as gotas de orvalho?	64
38 Sobrinhos	65
39 Catequese	67
40 Sobre a natureza	68
41 De onde provém a sabedoria	70
42 O monsenhor	71
43 Primeira transmissão	72
44 Celeste vai casar.....	73
45 A besta e o anjo	74
46 Vallumbrosius	75
47 Despedida	76
Epílogo.....	77
Procurando Landell	78
Criatividade e encontro.....	79
A personagem literária.....	81
Os intertextos na concepção da obra.....	86
Landell e a criatividade.....	88
Escrevendo O livro das sombras.....	94
Referências.....	108

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Luiz Antonio de Assis Brasil: pela sabedoria, pelo exemplo, pelo encontro.

Aos meus professores, por me ensinarem a preparar o pão e a cultivar o trigo.

Aos colegas da Escola Municipal Jean Piaget, que prestigiram este livro como se autores fossem. Com orgulho de ser um de vocês.

À Cristine, pela compreensão criadora, pela verdade de cada momento, e por cada momento ser um encontro.

À Jasmine, que me provou com palavras e gestos a existência do paraíso. Cada momento compartilhado foi desde sempre uma antecipação da alegria celeste.

Resumo

Esta dissertação é composta por uma narrativa ficcional e um ensaio teórico. A narrativa, intitulada *O livro das sombras*, acompanha a trajetória de Roberto Landell de Moura. Ela está dividida em cinco seções: *O telefone*, *As sombras*, *A proposta*, *Um exorcismo* e *Vallumbrosius*. Tais seções narram, respectivamente, a formação de Landell, desde a infância até o primeiro invento; a reação hostil aos inventos, culminando na destruição da oficina de trabalho; o período vivido em Nova Iorque, incluindo o registro de patentes; as experiências vividas durante a realização de um ritual exorcista; os episódios vividos na maturidade em Porto Alegre. O ensaio, intitulado *Procurando Landell*, explicita o papel da linguagem para a promoção do encontro, elenca os intertextos da obra, discute a construção da personagem literária, revela o vínculo entre Landell e Galileu no campo da ciência, e aponta associações entre Landell e Dédalo no plano do mito. Pretende-se resgatar a memória social da trajetória de Landell de Moura, recriando-a ficcionalmente. Destaca-se o papel da criatividade e da linguagem para a promoção do encontro. Discute-se a personagem literária a partir das obras de Mikhail Bakhtin e Antonio Candido. Evidencia-se o diálogo intertextual com autores clássicos e contemporâneos. A descoberta biográfica desse estudo está na associação a Galileu feita por Landell de Moura, a partir do pseudônimo Vallumbrosius.

Palavras-chave: criatividade, escrita criativa, Landell de Moura.

Abstract

This dissertation is composed of a fictional narrative and a theoretical essay. The story, entitled *O Livro das Sombras*, follows the path of Roberto Landell de Moura. It is divided into five sections: *O Telefone*, *As sombras*, *A proposta*, *Um exorcismo* and *Vallumbrosius*. These sections tell of, respectively, the formation of Landell, from childhood to the first invention; the hostile reaction to inventions, culminating in the destruction of the workshop; the time spent in New York, including the registration of patents; the experiences during the execution of an exorcism ritual; episodes experienced in maturity in Porto Alegre. The essay, entitled *Procurando Landell*, explains the role of language to promote the meeting, lists the intertexts the work, discusses the construction of a literary character, reveals the link between Galileo and Landell in science, and points to associations between Landell and Daedalus in terms of myth. The aim is to rescue the memory of the social trajectory of Landell de Moura, recreating it fictionally. We highlight the role of creativity and language to promote the meeting. It discusses the literary character from the works of Mikhail Bakhtin and Antonio Candido. It is demonstrated intertextual dialogue with classical and contemporary authors. The discovery of this biographical study is the association to Galileo made by Landell de Moura, from the pen Vallumbrosius.

Keywords: creativity, creative writing, Landell de Moura.

Resumen

Esta tesis se compone de un relato de ficción y un ensayo teórico. La historia, titulada *O Livro das Sombras*, sigue el camino de Roberto Landell de Moura. Se divide en cinco secciones: *O Telefone*, *As Sombras*, *A proposta*, *Um exorcismo* e *Vallumbrosius*. Estas secciones hablan de, respectivamente, la formación de Landell, desde la infancia hasta la primera invención; la reacción hostil a las invenciones, que culminó en la destrucción del taller; el tiempo pasado en Nueva York, incluyendo el registro de patentes; las experiencias durante la realización de un ritual de exorcismo; episodios experimentados en la madurez en Porto Alegre. El ensayo, titulado *Procurando Landell*, explica el papel de la lengua para promover la reunión, se enumeran los intertextos de la obra, se describe la construcción de un personaje literario, pone de manifiesto el vínculo entre Galileo y Landell en la ciencia, y apunta a las asociaciones entre Landell y Dédalo en términos de mito. El objetivo es rescatar la memoria de la trayectoria social de Landell de Moura, que recrea la ficción. Destacamos el papel de la creatividad y el lenguaje para promover la reunión. Se discute el carácter literario de las obras de Mijail Bajtín y Antonio Candido. Queda evidente el diálogo intertextual con los autores clásicos y contemporáneos. El descubrimiento de este estudio biográfico es la asociación con Galileo hecha por Landell de Moura, de la *Vallumbrosius* pluma.

Palabras clave: creatividad, escritura creativa, Landell de Moura.

O telefone

*Não parece que assim tua vida está suspensa,
E o tempo não se escoa por entre as sombras cautelosas?*

Reynaldo Moura

1 O fio e o caracol

A família toda reunida na chácara do avô. Após o churrasco, os adultos exerciam sua maturidade repousando, enquanto as crianças estavam compenetradas em serem crianças. Pulavam, gritavam, corriam. A euforia incomodava as mães, mas o avô dizia ‘deixe que brinquem’. Também as crianças cansam, a primeira delas Roberto, que suava, respirava pela boca, o rosto rubro.

Quando os pequenos já estavam entregues o avô, refeito da sesta, reúne-os para um desafio: quem consegue passar um fio de linho sobre a concha de um caracol.

Cada qual queria ser o primeiro. Brigavam pela primazia, mas não sabiam o que fazer com o fio. Os primeiros tentaram empurrar o fio pelo caracol com as mãos, mas o fio escorregava pela superfície derrapante. Os segundos tentaram erguer a concha para a passagem do fio, mas ela era por demais colada ao corpo. Os terceiros apelaram para o corte da concha, mas foram desqualificados após protestos por trapaça. Houve quartos, quintos e sextos. Não sei ao certo quantos tentaram, pois há infinitos meios de se fazer algo completamente errado. E o fio continuava ali, no que parecia um riso condescendente.

O avô já recolhia o linho – ninguém nunca consegue mesmo – quando Roberto voltou com seu exército: uma caixa com duas dúzias de formigas. Observou-as por um tempo, escolheu a mais veloz e nela enrolou o fio. Como teleguiada, a formiga caminhou sobre a concha do caracol, e o mistério foi solucionado.

Roberto ganhou balas de banana e um pedaço maior do bolo de laranja. Por certo não ganhou apenas isso.

2 A luneta

Na chácara do avô, a fala é silêncio. Era uma noite estrelada, propícia para namorados e astrônomos. Os namorados, sempre os há, estavam dormindo. Mas os astrônomos, esses estavam com suas lunetas em mãos, à procura do melhor ponto de observação.

Sentados no barranco em frente ao jardim, o menino e seu avô conversam com as estrelas. Ralhou com o neto quando uma luneta caiu. O avô havia estudado na universidade de Oxford, e as lunetas eram a última lembrança desse período.

Vênus e Júpiter estavam bem visíveis. Da Lua se viam as crateras, mas a falta de foco dividia Saturno em três planetas. Nessa noite Landell aprendeu o abecedário da esfera celeste. Bocejou, mas não se entregava. O avô queria saber por quê.

– Onde está Deus? – disse o menino, preocupado.

De normal severo, o avô caiu no riso. Após se recompor, percebeu os olhos perdidos do neto, olhos de abandono.

– Não existe luneta assim tão forte, sossegue. Um dia, você o verá. Mas falta muito tempo.

O menino aquietou-se, aquietou-se, até que dormiu. O rosto no colo do avô, sonhava e sorria. Sorria também o avô, embevecido com a pergunta. Tocou os cabelos do neto, era para limpar sua cabeça, mas não era.

3 A alavanca

Era o lançamento do barco a vapor da cidade, com pompa e festa. Um pouco antes do horário, um problema: o barco estava encalhado em terra. Os fortes marujos não encontravam meios de levá-lo até a água. Chamaram os homens mais fortes, depois os fracos, depois os meninos. Nada. Franzino, o jovem Landell olhava o esforço de cem Sansões, mas não se levantava de seu banco. Quase deitado, folheava um livro sobre Hidrostática.

Os marujos haviam parado, para recuperar forças e buscar mais braços. Landell procurou o capitão do navio, ofereceu ajuda. O capitão agradeceu, e mostrando seus dentes podres disse que não se preocupasse, deixasse para os homens. Landell insistiu, sabia o que fazer. O capitão deu de ombros, *até os ratos mandam mais do que eu*, e tratou de livrar-se do incômodo.

– Volte para seus livros.

Landell examinou em volta do navio. Ali ao fundo, havia uma alavanca esquecida. No convés encontrou roldanas, e um carrinho, com o qual deslocou uma pedra grande. Os marujos riam, para matar o tempo. Jogavam cartas.

Algum tempo passou até que se alinhassem os instrumentos. Olhando para o capitão, sem fazer força, o menino expulsou o barco do chão. Os reforços vinham ao longe, sem perceber o que acontecia.

Como você fez isso? – disse o capitão, coçando a testa.

– Um ponto de apoio, uma alavanca, nada de mais.

4 O telefone

A aula na Escola Politécnica, na capital federal, chegava ao melancólico fim. Alunos cansados e famintos, o professor enfasiado, com dores na vesícula, os materiais guardados. O professor nada falava desde que fez a chamada. Alguns pensavam que seu silêncio fazia parte das normas da escola, tanta era a fama, ele apenas respondia que nunca há nada a dizer. Naquele dia, deixou escapar que um novo invento chegava ao Brasil. O imperador já usava um, no Palácio de São Cristóvão. As palavras eram faladas de um lado do aparelho e, mediante fios, chegavam a uma pessoa do outro lado.

Os alunos fizeram muitas perguntas, falavam juntos, o professor voltou a seu estado de inércia. Mas insistiram, queriam saber se poderia falar no térreo com alguém no segundo piso da escola. *Sim, e da escola com suas mães, que moram a poucas quadras daqui.* O alcance do aparelho impressionou. *No futuro, o imperador poderá falar com os deputados, até mesmo com os moradores de Ipanema.*

O sinal soou, os alunos saíram. Landell ofereceu-se para ajudar o professor, a quem admirava como o melhor orientador de talentos científicos. Perguntou como funcionava esse aparelho, se poderia falar com sua mãe em Porto Alegre, se alguém sabia fabricá-lo.

- Calma, garoto. O ano está se encerrando em dias. Vou procurar alguém que saiba explicar o funcionamento da máquina.

Dois dias depois, os olhos vermelhos, os cabelos selvagens, Landell recebe uma página de jornal e um artigo científico em inglês.

– Desculpe, filho. Ninguém sabe como esse aparelho funciona, ele foi inventado nos Estados Unidos há apenas um ano. Não podemos trazer o Graham Bell, mas esse artigo deve ser suficiente. Afinal, você só quer saber como funciona, não é mesmo?

Devorou o artigo naquela noite. Com um dicionário e um manual, traduziu com dificuldade algumas palavras do inglês. Meditava em completo silêncio. Fez alguns desenhos, resolveu fórmulas, uma lista de materiais: o sonho virava projeto. Na própria escola conseguiu parte dos materiais, em um depósito nos fundos do prédio velho. O resto compraria na loja em frente, do fornecedor da escola.

Por três dias e três noites, não saiu do quarto. As aulas já encerradas para alunos na média, não o incomodaram, julgavam-no triste ou doente. Havia esquecido de comer. Recusou o sono, esse ladrão do tempo. Os cálculos estavam certos, mas o aparelho não

funcionava. Fez mais tentativas, corrigiu a ordem de duas peças, revisou a estrutura, agora estava pronto.

Foi até o professor, deu-lhe um cilindro preso a um fio. Estendeu o fio o mais que pôde, a gargante seca e muda, rompeu o silêncio gritante daquele momento com uma frase:

– A Terra se move.

O professor mirava o aparelho, o aluno. Tinha o olhar perdido. Tomou um uísque, para enganar a vesícula.

– Roberto, você construiu um telefone.

5 Eis-me aqui

Deitado em sua cama, Roberto repete-se com livros escolares que conhece *de cor*. A janela o punia com uma noite sem estrelas. É nesse instante que seu pai entra no quarto com um exemplar da Bíblia.

– Leia isso.

Roberto já conhecia essa passagem, mas leu com viva atenção as linhas sublinhadas por seu pai. Era o Êxodo, com a breve narrativa do encontro de Moisés com Deus: “Moisés! Moisés! (...) Eis-me aqui”.

Roberto olhou em volta. O mundo continuava o mesmo: havia uma aranha na parede. Uma estrela brilhava solitária no céu. Formigas carregavam um inseto. Um gato pulava o muro. Era o espetáculo da banalidade, a vida comum e rotineira que se repete que se repete que se repete. São milagres, é certo, também há milagres banais.

Havia algo a ser descoberto naquele texto, algo que não se repetia. A explicação desse mistério vale uma vida. Um pastor de ovelhas conversa com Deus e se torna um líder invencível. Um novo mundo se abria para ele, um mundo com sombras, com pedras, o mundo verdadeiro.

– Sua mãe também quer. Melhor que seja você, não temos mais ninguém na família.

Os olhos mendigos de seu pai, a referência a sua mãe. Uma carreira que o levaria ao mundo, que traria o mundo a ele.

– Serei padre. Porque essa é a sua vontade. Porque esse é o meu destino. Eis-me aqui.

6 No ar

Querida mãe:

Será uma grande satisfação revê-la finalmente após oito anos em Roma. Escrevo do trem, quer dizer que esta carta chegará em suas mãos depois de mim.

Vim rapaz e volto sacerdote. Meu caderno está cheio de ideias à procura de um método. Peço a Deus que me ilumine, mas até agora só vêm a mim imagens do passado:

nós dois sentados ao pé da fogueira, as chamas dançando em espiral... nós na chácara, o campo queimando... o pai fumando na sala, enfim fatos sem nenhum sentido. Será saudade? Ficaremos algumas semanas juntos, pedirei para voltar ao Rio de Janeiro. Gostaria de

.....

Landell interrompe a carta, que nunca retomará. Tenta se proteger do frio, a respiração pesada, inspira e expira grandes quantidades de ar. De seu corpo, o ar aquecido cavalga no espaço, sem teorias e sem fios. Seus movimentos lembram os contornos imperfeitos de uma espiral, como os campos queimados, o cigarro do pai, as chamas da fogueira. O movimento do ar produz uma ação, que gera uma reação proporcional, levando ao equilíbrio. É o movimento que garante o equilíbrio, é o equilíbrio que confere unidade a todas as forças físicas do Universo. A ação supõe um esforço, o esforço uma força, a força um movimento, o movimento uma ação, a ação uma reação, a reação uma transformação, a transformação uma reação, a reação um movimento. Em todos os fenômenos físicos há uma força viva.

As duas horas de trem até Paris seriam de escritos nervosos. Algumas bravatas seriam atualizadas como verdades.

– Deem-me um som e um meio e eu o farei chegar a qualquer lugar do universo.

7 A sarça ardente

No dia esperado de officiar sua primeira missa, Landell isola-se na sacristia da igreja, a porta trancada e a ordem de nunca ser incomodado.

Sobre a mesa, um papel com o rabisco de um peixe. Um copo de água e uma fatia de pão, intocados, compõem um banquete minimalista.

Fecha os olhos. Ainda ouve o canto dos pássaros e as vozes dos obreiros. Aguça os ouvidos, olha mais para dentro de si e consegue afinal nada ouvir. O silêncio mais profundo ecoa em seu ser, o silêncio que é. Expira todo o ar de seu corpo, é mais espírito que carne. Já não há pássaros, mas vozes de anjos na doce sinfonia da criação. Em suas mãos o cheiro do leite e do mel: ele é o maná que se oferece aos homens. Sentado no chão, as pernas em cruz, Landell vive seu instante eterno, momento antes do qual nada existia e depois do qual tudo é possível.

Seu corpo arde uma suave quentura, e um arrepio envolve seu corpo.

Um raio de luz irrompe de uma fresta da parede. Percorre a mesa, e ilumina o copo d'água, que não é mais um copo d'água, e sim o Mar Vermelho aberto em todo seu esplendor. Ilumina o pão, que já não é pão, e sim o corpo de Jesus subindo aos Céus. Ilumina o papel, que já não é papel, e sim a Bíblia viva no coração do crente.

O raio ilumina seu corpo, e ele se encontra embalado no ar, andando como onda de um ponto a outro do mundo. E sai, girando acelerado ao redor do planeta. Leva consigo a Bíblia, o corpo de Jesus e o Mar Vermelho.

Volta ao seu corpo. O raio ilumina a cruz. Jesus se desprende de seu eterno martírio e chama:

– Roberto, onde estás?

Com o maior sorriso que já teve, responde:

– Eis-me aqui.

Ergue a taça, envolta em benigna chama. A chama viva que provém da taça ilumina totalmente a sala escura, até que se produz um eclipse de luz, durante o qual nada pode ser visto, como uma névoa etérea. Uma serena euforia agita o padre pleno de Deus. Era Sansão e Davi.

Desceu o pequeno lance de escadas e acessou o altar.

8 Pedro II

Após a missa, foi chamado pelo Imperador para conversa íntima.

Pedro II era baixo, havia engordado. Trocava nomes e lugares, mas ainda era um dos sábios ilustres do reino.

Falaram do telefone – *sabia que eu fui o primeiro a atender uma ligação? Disse simplesmente: essa coisa funciona.*

Talvez tenham discutido os pontos da missa. Eram já 14 horas, e precisava se apressar para a sessão do instituto histórico e geográfico, que de qualquer modo não começava sem ele, mas queria ser pontual.

De volta ao palácio, o imperador comentou sua satisfação de contar com capelão versado em ciências, e dado a inventos. Assim encorajado, Landell contou suas experiências com transmissão de voz e nomeou cada invento. O imperador só se interessou pelo telefone sem fio.

A ausência de fios impressionou o imperador. Tudo vibra: as ondas no ar, os corpos girando, os planetas orbitando. Isso podia aceitar, exceto pelo fato de o som não se propagar no vácuo.

– O som não, mas a luz sim. Meu aparelho converte o impulso sonoro em sinal luminoso. Ao final do comprimento da onda, ele é convertido outra vez em som.

Isso era espantoso, disse o monarca, certo de que não havia em toda a Europa nada assim. Só poderia aceitar a tese após ver os testes. *A que distância chegaria a voz? Não, em metros. 800? Perdeste o senso.*

– Não é possível, de nenhuma maneira. É muita distância para a voz. Pense em 100, 150 metros.

9 Extrema-unção

Doente há dias, a velha faxineira da Santa Casa não melhorava. Não recebia visitas, e ninguém sabia se teria ou não família. Era austríaca, de português falava o trivial, mas ao impacientar-se praguejava em alemão.

O jovem capelão visitava o tio naquela tarde de nuvens carregadas e escuras, curiosamente estacionadas apenas acima do hospital, enquanto a cidade recebia um caloroso abraço do irmão Sol. Foi chamado às pressas por uma enfermeira para encomendar a alma daquela pobre mulher sem ninguém.

Estava a velha gemendo na cama, as mãos enrugadas e imóveis, muito geladas para dia tão quente. Seus olhos, contudo, eram fortes e vivos como um chacal. Recusou o terço e não sabia, ou não queria, cruzar as mãos. Confirmou que desejava se confessar e arrependida de seus pecados...

Relato de Catarina Paulse à beira da morte, perante o capelão

– Preciso contar a alguém as cenas que me atormentam à noite. Como você vê, meu corpo está perdido, mas minha alma pode ser salva.

Venho de uma cidade da Transilvânia. Tinha eu doze anos quando fui violada. Rezei antes das monstruosidades que sofri, mas Deus não quis me salvar. Então percebi que o demônio reina no mundo.

Dois anos após chegar ao Brasil, conheci José. Era um fraco, mas eu estava decidida a ser feliz de qualquer maneira, e ele seria o instrumento. Eu tinha uma filha, como ele não gostava de crianças tive de levá-la à roda dos enjeitados.

José andava sempre triste. Era informante da polícia, e ganhava para o sustento. Sempre me tratou com respeito. Nos últimos tempos, ficou muito amigo de Claussner, o açougueiro da rua do Rosário.

Uma vez chegou a casa e contou seu plano. Disse que sua missão no mundo era matar, e que deveria causar muitas mortes, e após tomaria posse dos bens das vítimas. O dinheiro, inútil para os mortos, seria nosso por direito. A força não era mais problema, Claussner já sabia o que fazer com os mortos.

A primeira foi uma viúva chamada Luíza. Ria muito, a pecadora. Era bonita. Ela perguntou se eu era mulher de José, falei que era empregada.

Comeram e beberam à farta, depois conversaram na sala. Pedia mais e mais vinho, a desavergonhada. José levantou sem dizer nada e foi à cozinha. Luíza olhava para ele e desabotoava a camisa.

Você precisava estar lá para ver o espanto na cara da traidora. José a acerta com força na cabeça e a degola. Fez isso com esmero, parecia um santo, mais forte e mais bonito que nunca. Havia certeza em seus olhos, e muita beleza. Levou a morta ao porão, e cortou-a em pedaços, guardando-os em dois baús.

Após o trabalho, José lavou-se, perfumou-se e foi ao Teatro São Pedro assistir a uma ópera italiana, que elogiou muito. Ele foi outras vezes ao teatro.

Por que eu ajudava? Porque eu era a mulher dele, e a esposa deve buscar a felicidade do marido. Nunca vi pessoa feliz como ele depois que matava. Por que negaria a ele sua maior felicidade?

Ainda à noite foi levada ao açougue. Claussner desossou a carne, dela fazendo linguiça. Os ossos foram queimados e jogados no Guaíba. Misturada com a carne de gado, a linguiça tinha sabor especial.

Fritei uma linguiça para José e Claussner, sempre devemos provar a linguiça antes de vender, se estiver ruim o freguês reclama. Só comi um pedaço, e achei boa, igual ou melhor que as carnes dos mortos da Transilvânia, lá a fome era maior que a vergonha.

Graças a Deus nossa vida melhorou. José me levava à Rua da Praia e comíamos carne todos os dias. Você pensa que eu roubei os mortos mas não: mortos não podem ser donos de nada, justo porque estão mortos. Deixaram de existir, não podem ser proprietários de nada.

Frequentei o Beco do Céu a mando de José. Buscava homens endinheirados do interior. Se encontrava algum, dizia morar sozinha e o convidava à minha casa. Mantive relações com esses homens, com esses e com outros. Mas não pequei na cama com esses porcos, pois não tive nem busquei satisfação naqueles animais. Só tive um homem na vida, e foi meu marido, o único que me tratou como alguém.

Só tive que ajudar uma vez.

Foi um alemão, imediato de escuna de carga, as veias saltadas de marujo. José procedeu como de hábito: levar à casa, vinho e comida, ataque após a ceia. Mas o alemão não colaborou. Reagiu e segurou o pulso de José. Batia muito e sempre, mais e mais. Precisava fazer alguma coisa. Peguei o martelo mais pesado e acertei o crânio, essa e outra vez. Se eu não ajudasse, o sonho de José iria se acabar, e estaríamos arruinados. Fiz por amor e para proteger meu marido de um ataque.

Não sinto pena dos que morreram, eles tiveram o que mereciam. Quem vive no pecado, no pecado morrerá. José apenas ergueu a clava da justiça. Limpamos o mundo de pecadores que não fizeram nenhuma falta.

E os vizinhos, não viam as pessoas entrarem e nunca saírem?

Viam não vendo as mortes, a linguíça, e tocavam suas vidas. Uns tinham medo de José, que era da polícia. Todos têm medo da polícia, todos têm algo a esconder.

Padre, não me olhe assim: quem vai me julgar é Deus, e só ele.

As sombras

As sombras sem sombra que espiam o mundo.

Reynaldo Moura

10 Um sonho

Ele caminha por um jardim, em direção a uma fonte. Atravessa um túnel, a visão encoberta pela névoa. Flores compõem um círculo ao seu redor.

As sombras cedem espaço a um feixe de luz. Pouco a pouco, ela se faz presente e ilumina a noite escura. É uma noite clarificada. Não há sol, mas um lume e, logo abaixo dele, um Homem do qual se vê apenas a forma, sem traços definidos e sem rosto. O Homem estende o braço em sua direção.

Não há mais névoa na noite densamente iluminada. A luz preenche toda a escuridão. Um aparelho de rádio transmite a música das esferas. Todos os planetas conhecidos alinham-se ao jardim que margeia o lago. Landell cruza esse jardim e caminha sobre o lago. Os planetas são agora feitos de pedras sobre a água. Quando está sobre Mercúrio, vê as estrelas abaixo e acima. Não sente medo: é o cosmos e o cosmos é ele. A estrada de planetas conduz ao Homem, que o aguarda com a mão estendida.

Ao fundo, a Ave Maria de Bach sustenta o alinhamento dos planetas.

Súbito, uma estrela explode e cessa a música. Os planetas saem de suas órbitas qual cometas desgovernados. O lago entra em ebulição, e Landell assiste ao retorno das sombras. Onde havia o homem resta um ponto distante de luz.

Apenas o rádio conserva-se imóvel. Landell agarra-se a ele, e evita a queda.

11 Outro sonho

Landell entra no labirinto. Carrega um saco de pedras e um novelo de linhas.

Ele atravessa o labirinto e, com a ajuda da linha, alcança o centro. Mas o labirinto se move e a linha se rompe.

Pela segunda vez ele atravessa o labirinto. Com a ajuda das pedras, alcança o centro. Mas o labirinto se move e as pedras se dispersam.

Pela terceira vez ele atravessa o labirinto. Sem pedras e sem linha, pede auxílio a Deus. Com a ajuda do Criador, alcança o centro. Toca o chão; não se move. Quando finalmente entra, uma multidão o expulsa do labirinto e derruba as paredes.

12 Não é verdade!

Entre o milagre e o seu anseio não há diferença visível para nós. Apenas um especialista para descobrir a diferença. Éramos como somos: um povo crédulo à procura de campeões ou de santos. O menor sinal no céu pode ser a estrela de Belém, um vendaval vira o Espírito Santo, um pombo-correio é o Anjo Gabriel.

Chamaram Landell para confirmar o milagre da aparição da Virgem. Na janela de uma casa abandonada, formou-se uma imagem colorida difusa, que aos fiéis era a exata reprodução da Virgem. Uma multidão irrompeu ao local, e o suposto proprietário começou a cobrar ingresso pela visão.

Contrariado, Landell entrou na casa. Furou a fila, recusou a mão do suposto dono, examinou cada detalhe. Pediu álcool e um pano úmido, passou o pano ao redor da superfície, e o milagre se fez nada.

13 Religião em casa

Tendo dormido pouco, Landell entrou sonolento na Igreja. Ouviu contrariado as confissões. Murmurava qualquer penitência – os pecados eram sempre os mesmos – enquanto pensava nas diferenças de variação entre o som e a luz.

As senhoras que se confessavam não iam para casa. Conversavam em voz alta, em alegre recreio. Era a casa de Deus um clube? Oito anos em Roma para conduzir um ritual vazio.

Mandou as senhoras para casa, lembrando-as dos filhos e maridos. Deus estava em todos os lugares, menos na Igreja. Uma e outra resmungaram os maus modos daquele padre.

Naquele mesmo dia, encontrou Dona Maria a caminho da casa de um doente. Ela falou da filha que fazia anos, do baile que haviam dado e da promoção na carreira do marido. Lamentava a falta de tempo para ir à missa.

– Religião se faz em casa – disse o padre, lembrando a visita ao doente e apressando o passo.

A faxineira da Igreja chorava num canto: o marido fora embora e as crianças dormiam no chão. Landell ouviu sua queixa:

– Venha comigo.

Levou-a até o quarto, retirou o colchão e disse:

– Leve. É seu.

A mulher beijou-lhe a mão e sorriu pela primeira vez, agarrando-o pelo braço. Landell desvencilhou-se gentilmente e mandou que levasse o colchão imediatamente.

Quando o Arcebispo o visitou, estranhou o hábito do padre de dormir sobre tábuas:

– Padre Landell, onde está o seu colchão? Um sacerdote da Igreja merece mais. Voto de pobreza não é voto de miséria.

– Talvez seja pouco para um padre, mas é muito para um servo de Deus.

14 Prenda o padre!

A cidade de Campinas acolhera há dois anos o estranho padre que fumava, e falava mais de ciência que de religião. Era comum vê-lo entre o povo na feira, no passeio central. Também era visto às tardes na Biblioteca Municipal, e saindo da prefeitura. Olhava para todos os lados, a cabeça erguida, sem no entanto fixar-se em alguém. Às vezes parava para conversar com uma criança, mas dedicava pouco tempo aos homens influentes da cidade. Fez amizade com o delegado Cassiano, a quem reconheceu a eficiência na segurança da cidade, mais de uma vez estiveram no café central. O certo é que o delegado não perdia nem se atrasava à missa do padre, isso que não era católico. Depois da missa continuavam a palestra na delegacia, ou no café central. Visitou duas vezes o delegado, em deferência a sua esposa, católica fervorosa.

Esteve várias vezes na prefeitura, mas não se sabe de que reclamava. Sempre ouvia que iam tomar providências e sempre dizia que já tinham dito antes.

Naquele domingo, a cidade inteira estava na missa para o aguardado sermão, que o padre anunciou ao longo da semana. O prefeito e sua esposa estavam na primeira fila. O povo assistia de coração aberto.

O padre estava mudado. Nenhum sorriso, a testa enrugada, olhos desafiadores para a multidão. A apreensão se transformou em revolta após as primeiras palavras. Não se sabe ao certo o que foi dito, mas tratava dos costumes da população, o que não é muito, e das pessoas importantes, o que sempre é muito. A missa foi interrompida, e o prefeito deu ordem de prisão, enquanto sua mulher chorava. Cassiano levou o padre ao seu aposento, e lhe disse que não cumpriria a ordem, pois sabia verdade o que foi dito. Poucos meses depois, Cassiano morreria. Ao padre foi pedido que partisse.

15 O rádio no ar

Ao pé da figueira, Landell reuniu as irmãs do colégio Santana, o cônsul inglês, Percy Lupton, sua família e o jornalista Rodrigo Botet.

Não havia vestígio de chuva naquele dia sem vento. As senhoras empunhavam seus leques como espadas. Landell, entretanto, não suava. Mostrou seus vários inventos e destacou o Teletiton:

– Com este aparelho, duas pessoas podem se comunicar sem fios e sem que sejam ouvidas por outros. O teletiton supera os aparelhos desenvolvidos em outras partes do mundo porque aplica o exclusivo conceito de telegrafia fonética, no qual se transmite a voz de um ponto a outro. Para comprovar essa experiência, o sr. Charles Armstrong falará conosco da Avenida Paulista, a oito mil metros de distância. Desde o Colégio, a Irmã Faraldi, diretora desta escola, falará com ele.

Seguiram-se momentos de silêncio. Lupton pediu um café, pois estava com sono. A irmã Faraldi revisou todos os aparelhos, e garantiu que estavam funcionando. Landell pegou o aparelho nas mãos e gritava: 'alô, alô'. O silêncio do aparelho cortava o pátio da escola, impedindo qualquer conversa. As mulheres entreolhavam-se. Faraldi permanecia em pé, ao lado de Landell.

– Alô, Roberto. Aqui fala Charles Armstrong.

As pessoas olhavam para o aparelho sem entender quem falava. Botet toma a palavra:

– Padre Landell, eu não tenho notícia de transmissão de voz humana. Isso é possível?

– Não ouviu falar porque nunca ocorreu. Esta é a primeira transmissão de voz no mundo. Irmã Faraldi, pergunte ao sr. Armstrong como está o tempo na Av. Paulista.

A irmã repetiu a pergunta ao sr. Armstrong.

– Chove da Av. Paulista até o Tietê.

– Não é possível que esteja chovendo na Paulista e aqui não haja nem uma garoa. Eu só acredito vendo.

A plateia bateu palmas para o inventor, que abaixou os olhos. Convidou Botet e Lupton para irem com ele numa carruagem até a Paulista. Lupton teve de recusar, pois iria a um match de foot-ball. Botet acompanhou o padre.

Quando passaram pelo Tietê, avistaram as primeiras nuvens negras até onde havia horizonte. Perto da Paulista, viram um homem correndo atrás do chapéu Castor, que foi roubado pelo vento.

Quando encontraram Armstrong, Botet está mais crédulo. Pede uma demonstração de perto, depois a uma distância maior, por fim aceita.

– Espalhe o que viu.

16 As sombras

Na igreja Matriz da Santa Cruz, ocorre um grande concerto de Natal, com coral e orquestra. A música invade os espíritos, arranca as nuvens da mente, traz o paraíso até nós, nos leva até ele. Landell está sentado nos altos da igreja, os olhos fechados, saboreia o néctar dos anjos. Abre os olhos, o mundo interior ganha vida: anjos saem de suas prisões de madeira, estão entre nós, voam com suas asas em círculos suaves e ligeiros, são hipérbolos visíveis.

Jesus liberta-se de seu martírio eterno, as chagas finalmente curadas, é resgatado pelas crianças, que o circundam em animada roda. Já não precisa sofrer, pois não há mais pecado, seu reino é agora.

As pessoas ganham asas, e algumas auréolas. O mundo se ilumina a partir da igreja, o tempo das dores acabou, estamos salvos. Reuniremos os que amamos para a nova ceia, e Ele estará conosco. Um coral de anjos se junta ao coral de homens, são dois e são um, e a sinfonia em uníssono encontra o coração dos homens, lá onde não existem palavras. É o silêncio, o mistério profundo.

A música acaba, não seus efeitos. As pessoas voltam felizes a suas casas, entre abraços, mãos dadas, risos. Landell flutuava pela rua, os pés leves não deixam marcas no chão, era uma alma visível. As nuvens que se aproximam céleres não o incomodavam – que importava o tempo sempre igual dos homens se habitava o tempo sem relógios de Deus? Continuará assim, ébrio de arte, até a porta de casa.

As nuvens negras parecem atraídas para sua quadra. À frente, dezenas de vultos bloqueiam o acesso à oficina, barulhentos e desordeiros. Ao fundo, o som de pratos quebrados e gritos. Não são humanos, são vultos sem rosto nem forma, são sombras. Não falam, não pensam, apenas agem segundo instintos primitivos. Macaqueiam as ações dos líderes, repetindo sons cavernosos. Têm paus e pedras. Landell não tenta falar com eles, só conhece a língua dos anjos. Mas seu olhar domestica as feras, que não ousam encará-lo. Abrem passagem. Ouve grunhidos, segue determinado para a oficina, os ombros pesados, o passo marcial e ritmado. Expulsaria da oficina os bichos, faria gestos, encontraria as palavras mortas e esquecidas. Não acha fala, sua mente rodopia, seu corpo acorrentado ao chão. Desce. Os predadores vão como vieram, sem aviso, deixando as marcas da depredação. Todos os aparelhos quebrados, as gavetas reviradas, papéis pisados no chão, tinta espalhada pela parede, os vidros das janelas quebrados, um princípio de incêndio, duas palavras escritas com

giz de cera em letra tremida: Fora, bruxo. Tenta vencer o lixo, limpar a parede, mas não há o que consertar. Olha para os lados, não há nada nem ninguém. O frio domina tudo em volta, congela pensamentos, expulsa as fantasias. Está sozinho, tenta se esquentar agitando os braços, as pernas o traem, ora catatônico. Dias depois, embarca num navio a vapor, a caminho de Nova Iorque.

A proposta

*Eram sacerdotes de credos de luxo que não pensavam
mais em Deus, que nunca mais sentiriam a poesia silenciosa de
Deus em seus suntuosos corações de homens confortáveis*

Reynaldo Moura

17 Nova Iorque

A cidade que receberia Landell por dois anos era o coração do mundo temporal. Arranha-céus riscavam os altos da cidade que recebia milhares de imigrantes todos os anos.

Os automóveis já poluíam a cidade que nunca dorme, mas Henry Ford ainda não fazia veículos em série. A ilha de Manhattan era o coração dentro do coração. Lá estava Landell, para patentear seus inventos.

Soube no escritório de patentes que teria de comprovar seus inventos. O funcionário do escritório de patentes chamou o inventor para uma conversa. Ofereceu cigarros, não esperou resposta. Seco foi.

– Não lhe daremos a patente, é praticamente impossível. Seus inventos contrariam tudo o que se diz em radiotelefonia.

– Se eles contrariam as teorias, então as teorias estão erradas. Quero mostrar meus inventos porque eles funcionam.

– Seria preciso um rigor ainda maior, uma descrição dos pormenores do aparelho, a apresentação de modelos. Não creio que isso possa ser feito em um ano, mesmo que você tenha uma grande equipe. Você não conseguirá.

– Marque a data. No seu prazo, meus inventos estarão na mesa. Deus mostrará o caminho.

Precisaria de um advogado, de muito material, não precisaria de operários, que os havia qualificados e numerosos. O operário era ele. Não precisaria de engenheiros, embora muitos houvesse. O engenheiro era ele. Não precisava de sábios, que concebessem da melhor forma os inventos. O sábio era ele.

Alugou uma oficina pequena, sem outros móveis que uma cadeira ordinária e uma inadequada mesa de jantar. Acanhada, modesta, estreita, na oficina cabiam todos os seus sonhos e projetos. Se não era o lugar ideal, era o lugar do ideal.

Entre as exigências do escritório de patentes, não constava um amigo. Mas ele era cada vez mais necessário naquela terra diferente, com outra língua e outros modos de ser, outro clima – mais rigoroso, outros teatros, outras mentes, outras memórias, outras vidas.

Onde estaria esse amigo?

Encontraria alguém para mostrar seus inventos, e convencê-lo de que são possíveis. Alguém para falar do Brasil, do bom, do ruim, do desejado. Alguém para dividir segredos e multiplicar ideias.

Comprava maçãs na fruteira em frente ao parque, distração única naquela terra de trabalho. Lá conheceu Daniel Tamagno, comerciante que tinha problemas na fiação elétrica da loja. Dizia ao dono da fruteira que recebia constantes choques, e não conhecia ninguém que soubesse consertar a fiação. Landell ofereceu-se para ajudar, esse problema era comum no Brasil, seria fácil tornar a fiação segura.

De fato resolveu rapidamente o problema. Daniel, agradecido, convida-o para almoçar.

As horas seguintes foram de esquemas e gráficos. Landell contou que havia transmitido a voz a 8 mil metros em São Paulo, que já tinha patente no Brasil e que buscava a patente americana. Que estava assustado com os custos do processo, mas decidido a vencê-lo com a graça de Deus. Que levaria seus inventos ao Brasil, onde espalhariam o progresso material e moral. Que com um só aparelho reproduzia todos os sons de uma orquestra, bem melhor que o padrão atual, que exigia um aparelho por instrumento.

Daniel conheceu uma garota, e pediria sua mão em breve. Tinha 4 mil dólares guardados para isso, dava para comprar uma casa, que depois reformaria. Disse que ainda ouviria os concertos do Met no aparelho de Landell. Que poderia ajudá-lo fornecendo a lâmpada de Crookes e outras peças, pois fabricava instrumentos para a Marinha. Tinha meios de apresentá-lo aos cientistas, mas não tinha nenhuma influência sobre eles, teria de convencê-los sozinho.

Já estava há seis meses em Nova Iorque, e o transmissor de ondas estava pronto para uso. Tinha razões para comemorar, mas num golpe do destino perdeu todas as anotações de inventos.

Os argumentos de quarenta anos de vida haviam desaparecido. Os pormenores do telefone sem fio estavam lá, junto aos cálculos e às explicações que prestou em São Paulo. Teria que re-escrever passo a passo cada projeto. Não havia cópia dos manuscritos, como se nunca tivessem existido. O que era sabedoria virava devaneio, os umbrais largos do sucesso eram agora as covas cavernosas do fracasso. Voltaria desacreditado para casa, sem patentes nem glórias, e teria de abandonar os inventos. Decepcionaria a Deus, que lhe confiara essa tarefa.

Não sabia o que fazer, nada fez. Passou o dia em silêncio e jejum. Acendeu uma vela a Nossa Senhora da Aparecida, orou em sua glória. A luz transpirava da janela, desenhando na parede uma sombra ampliada da imagem da santa. Landell sabia o que fazer.

Continuaria o trabalho. Tinha ido muito longe, mais longe do que qualquer outro. Era um veículo da vontade de Deus. Não decide o piano quando será tocado: ele executa sem

juízo os movimentos ideados por outro. Levava mais tempo, roubaria sua saúde, começaria do antes do início.

Lembrava do garoto que passou um fio de linha sobre o caracol, do jovem que ensinava ao imperador. O progresso da humanidade exigia que desse termo às aspirações pessoais, exigia sacrifício. Se a missão era enorme, enormes seriam os meios. Seria o exército de um homem só.

Comeu pão, algumas bolachas e banana. Rezou o Salve-Rainha e acendeu uma vela para São Rafael. Sabia o que fazer, não tinha tempo a perder.

18 Pneumonia

Ao meio-dia, Daniel trazia leite, salame, pães com gergelim e carne de porco. Normalmente Landell comia os pães e ignorava o resto, enquanto contava a Daniel o progresso do dia. Daniel comia a parte dele e a sua, dizendo não haver melhor companhia para dividir o lunch, pois falava bem e comia mal. Sabia que o padre não iria comer, sabia que era assim mesmo o certo a fazer.

Aquele dia seria como os outros. Entra na oficina sem avisar, estranha a ausência do padre, larga ao chão a capa de chuva, espirra. Ouve um chiado vindo de trás da mesa, deve ser um gato. Concentra-se no salame. O chiado aumenta, e mais. Daniel dá seis passos e encontra Landell caído ao chão, cabelos e roupas molhados, o rastro da água ainda visível, uma maçã caída. Daniel ergue sua cabeça, o padre não consegue falar. Engole o ar como se pedra, olhos fechados, no peito vivo o sentimento da morte.

Daniel carrega-o até o hospital, são oito quadras, poderiam ser oito léguas.

19 Carta a Guilherme

Estimado irmão,

Quando você receber essa carta, já terei apresentado meus inventos aos cientistas daqui, é o que farei nos próximos dias.

Tive complicações de saúde, uma crise brônquica. Fui advertido pelo médico do rigoroso inverno que se aproxima, não sendo recomendada minha permanência neste país. Devo ir a Cuba, mas antes pedirei um adiamento de cinco meses no escritório de patentes para o registro dos inventos, que vence daqui a cinco meses.

Quanto a esta cidade, ela merece todo o crédito que lhe dão. Caminhava pelo New York Park, acompanhado de meu amigo Daniel, e fiquei deslumbrado com a beleza e a extensão desse parque, que com gosto levaria para o Brasil, se pudesse. Depois fomos à feira, ouvimos muitas vozes em italiano, mas outras em francês, alemão, espanhol e inglês. Era difícil caminhar pela rua, tantas e tantas pessoas se via. Espiei o horizonte, e havia um prédio para cada pessoa na feira, talvez mais.

Ao retornarmos, passamos por prédios lotados de varais, pareciam pandorgas presas. A julgar pelas roupas, tinha esse prédio mais pessoas que uma cidade pequena.

Mande lembranças à 'mana' e aos meninos

Fé e trabalho,

Landell

PS. A nota desfavorável de minha viagem ocorreu logo após a chegada. Por ordens superiores fui proibido de officiar. Nenhuma razão foi-me dada para tão estranho ato. Parece que houve um julgamento sumário e eu fui condenado à revelia – não sei exatamente do quê. É uma situação desconfortável, estou a ver se aqui também proíbem os peixes de nadar. Em todo caso, ainda não me proibiram de comungar. Vejo-me sem oportunidades na terra das oportunidades.

20 Os inventores

Como prometido, Daniel colocou Landell frente aos maiores inventores da cidade. Landell havia dormido mais que as quatro horas costumeiras.

Não sentia sono, nem sede, nem fome. Não gastou a noite em busca de argumentos ou ilustrações. Havia sim uma eletricidade nova em seus olhos, um sentimento de completude, um estou-onde-queria-estar. Não gaguejou, não bocejou, não olhou para o relógio. Não cruzou e descruzou as pernas. Não coçou a orelha, não tremeu a perna inquieta, não suspirou enfarado, não olhou para a janela. Era a mais completa encarnação de si mesmo.

Felicitava-se pelo ambiente enxuto, sem luxo, tão parecido com a oficina, a igreja, a casa de seus pais, mais favorável ao seu temperamento. As pessoas à sua frente eram como ele: a mesma idade, a mesma roupa, o mesmo interesse. É a mesma língua, não a portuguesa ou a inglesa: a língua do conhecimento. Não era a mesma pátria – era a mesma fratria.

– É possível transmitir a palavra articulada a grandes distâncias, sem perturbações de chuva ou vento ou neblina. Posso afirmar isso porque descobri um novo princípio da luz, que me permite, sem a necessidade de selênio ou de microfone, transmitir a voz através de um feixe luminoso. Para receber a mensagem, basta ter ouvidos que ouçam, sendo dispensáveis aparelhos de recepção.

Os sábios se entreolharam, entre a surpresa e dúvida. Um dos inventores, resumindo o pensamento geral, julgava impossível, pois os movimentos elétricos das ondas hertzianas não eram contínuos nem uniformes, e as oscilações impediriam a transmissão da mensagem.

– Esta dificuldade, prevista em meus estudos, eu a resolvi quando construí uma lâmpada de três eletrodos, a partir da ampola de Crookes. Tanto os cálculos quanto as experiências comprovam que as ondas elétricas, diferentes das ondas hertzianas, apresentam valores ondulatórios contínuos e sempre iguais. Tais ondas, por mim criadas, formam um campo ondulatório permanente e uniforme. Repito: não há necessidade de condutor metálico, as ondas são o condutor do telefone e do telégrafo sem fio. O canto, a nota musical e a palavra articulada podem vencer grandes distâncias e ser ouvidas por um receptor distante com a mesma intensidade com a qual foram produzidos e com apenas um aparelho, seja mesmo uma orquestra a interpretar.

Muitas perguntas mais foram feitas, e a reunião atravessou a noite. O cientista respondeu a todas, mostrou desenhos, cálculos, gráficos, fotos. Não se mostrava tímido, nada

tinha a esconder, não precisava conter sua mente, podia soltar a rédea e trotar no pampa das ideias com as mãos livres.

Perguntaram sobre o Brasil. Landell disse que era um grande país, o país do futuro, mas no presente era fraca a recepção a seus inventos, não havia ambiente acadêmico nem benfeitores, a repercussão era pouca em raros jornais, não havia classe intelectual que desse apoio, melhor seria abandonar as pesquisas.

21 A proposta

Era um edifício amplo, maior que uma catedral, era a catedral dos gentios. Landell olhou para o alto, pensou ver a Torre de Babel, ou similar. A atmosfera de seus corredores era neutra, sem quadros nem anjos, os móveis poucos e funcionais, pessoas caminhando rápido e sem noção de grupo – Landell viu o futuro.

Os muitos andares foram vencidos em minutos dentro do moderno elevador, mas para o padre parecia não ter fim. Espiou pela janela: a vista desde montanhas daria tal sensação de dono do mundo – menos para ele, homem de planícies e vales. Sentiu tontura, um velho medo de infância voltou, teve vontade de chorar. Estava à paisana, sem a longa batina, em modestos trajés de brim, nem por isso sentia-se integrado ao meio. O crucifixo à mostra, tirou do bolso uma insígnia de Aparecida.

Chegaram enfim ao escritório de George Hamilton III, magnata do petróleo e da mineração. Jovens atendentes saíam de seu escritório quando Landell entrou. Hamilton ofereceu-lhe uísque, eram nove horas da manhã, bebeu por ambos. Ofereceu charutos cubanos, 'são os melhores do mundo', apertou firmemente sua mão, quase deslocando o braço. Era um homem robusto, por entre os suspensórios uma bem-disfarçada barriga, o gel um tanto excessivo no cabelo, muitos telefones e vidas em sua mesa. Seu olhar era especialmente forte, submetia a todos em volta, que preferiam enfrentar primeiro um exército, ou mesmo o demônio. Pois o Canhoto podia apenas induzir um infeliz ao erro, enquanto Hamilton poderia mandá-lo ao inferno num piscar. Sua roupa impecável suavizava as rugas da face, mas o que o remoçava era o poder, e muito, parecia vinte ou trinta anos mais jovem que o seu registro civil. Dono de uma empatia hipnótica, deixava escapar informações sobre seu iate, e as quantas ferrovias que construiu. Um relógio banhado a ouro superluzia mesmo contra o sol. Uma corrente de prata legítima jazia esquecida sobre o sofá de couro. Ao lado, o busto de um homem bastante parecido com Hamilton, porém mais jovem e belo. Falava e mais falava, ofereceu ingressos para o teatro e a ópera.

– Por que estou aqui, Mr. Hamilton?

– Roberto Moura... Sei tudo sobre o senhor. Grande orador, inventor de talento, gênio indomável, suas qualidades são bem-vindas aqui. Soube que é padre, tanto faz. Seu transmissor de ondas será útil na mineração e, melhor ainda, nas frentes de batalha, sempre haverá guerras. Eu lhe ofereço três mil dólares por ele.

– O transmissor de ondas não está à venda.
– Tudo está à venda, todos têm seu preço.
– Não quis desapontá-lo. É que já não sou dono deles. Eu os recebi de Deus, sou um mero guardião. Não posso vendê-lo. Ele é da Humanidade.

– Três mil é pouco. Que tal trinta mil? Filho, veja bem: eu gosto de você. Dou dinheiro todo dia a pessoas que não o merecem, que são apaixonadas por ele. Você é diferente. Diga o preço, qualquer valor. Faça o que quiser com o dinheiro: construa igrejas, crie um orfanato. Você talvez não goste de dinheiro, mas o mundo em volta vive e mata por ele. Não subestime minha oferta.

Prosseguiram neste jogo de gato e rato, ou de raposa e porco-espinho. A raposa, ágil, sempre com novas artimanhas e truques, enquanto o porco-espinho fechava-se inflexível, e inflexível cortou:

– O Transmissor de Ondas é do Brasil.

Os olhos de Hamilton se alargaram quase à testa, e seus lábios também se ergueram, declinando num sorriso de canto de boca. Ergueu-se, abraçou o cientista e acompanhou-o até a porta. Na cadeira em que sentou Landell sentaram reis e presidentes, e a nenhum deles Hamilton concedeu tanto tempo, e a nenhum deles acompanhou até a porta, para isso pagava atendentes.

22 A entrevista

Na redação do New York Herald, esperava o repórter um homem esquisito, diletante, talvez um caçador de borboletas, que não se importasse com a aparência, desinteressado por banhos – um Arquimedes. Entra um padre falante e jovial – um gentleman. Mostrou a patente recém-obtida:

Nº 771.917 R.L. DE MOURA	INVENTOR
WAVE TRANSMITTER	PATENTED OCT.11.1904

O repórter convidou-o para um passeio até a confeitaria. Tomaram cinco ou seis cafés. Os ponteiros do relógio corriam inutilmente em busca de atenção.

– Quero mostrar ao mundo que a Igreja católica não é inimiga da Ciência e do progresso humano. Há na Igreja uns poucos indivíduos contrários à luz, mas estes representam a fé cega dos fetichistas, nunca a verdade católica.

O repórter pergunta a reação do público aos inventos, Landell passa a falar sobre o telefone sem fio. Ele repete a pergunta, e após um momento calado relata o episódio da multidão supersticiosa que atrapalhou seu estudo porque, segundo ela, teria o padre feito um pacto com o demônio. Também seus amigos mais versados julgavam-no em conflito com a fé.

– Senti-me como Galileu, que ao ser reprovado por todos ergueu-se e disse: A Terra se move.

O repórter anotou com pressa quando o cientista falou que o telefone sem fio não precisaria de microfone, graças a um novo sistema de luz que transmitiria a voz sem condutor metálico. Espantou-se com a informação de que a mensagem poderia atingir doze milhas em um raio de luz, nisso viu uma atraente manchete. Quis saber o alcance em milhas que se poderia buscar no futuro.

– Praticamente o infinito.

Exorcismo

Teu nome, eleito em sua fama
É, na ara da nossa alma interna,
A que repele, eterna chama,
A sombra eterna.

Fernando Pessoa

23 Três curas?

Landell foi chamado à casa da menina Angélica, que estava enferma. Ao chegar, encontra a mãe da menina febril e com fundas olheiras vermelhas. A seus olhos era a mãe, e não a filha, a doente. Então ela disse que a filha havia piorado, que estava desacordada.

Examinou o pulso da paciente. Estava viva, numa espécie de sonho bem próxima do sono da morte. A menina estava desenganada, a mãe havia trazido um médico, não sabia o que fazer.

– Ela vai morrer, padre.

Landell deu a ela absolvição. A mão estendida, orou o pai-nosso. Aproximou a boca do ouvido da menina uma e outra vez, afinal gritou: – Angélica! Angélica! Angélica!

A menina abriu os olhos, como se houvesse dormido por muito tempo. Não falava nem se movia, mas reconhecia o padre, o quarto e a mãe. A uma pergunta do padre, sorriu timidamente.

A mãe agradeceu como pôde e o acompanhou até a porta.

– Foi um milagre, não foi, padre?

– Milagres são para os santos, senhora.

Chamaram o padre à casa de Anselmo, moço que jamais saía de casa. Deitado na cama como entrevado, o suor excessivo na testa febril, curvado, de costas.

– O que você sente, rapaz?

Anselmo virou-se assustado, desacostumado que estava a conversar. árido recuperou a fala, contando pormenores da febre, reclamando de solidão, referindo dores na coluna. A confissão foi rápida, ele tinha poucas chances de pecar.

A seguir deu-lhe absolvição e estendeu as mãos sobre o doente. Sentia-se melhor, e pediu para caminhar no pátio, queria ver o sol. De volta ao quarto, sentia grande disposição e pedia comida.

O padre já se despedia quando o tio de Anselmo perguntou do seu estado.

– Mandei-o se alimentar melhor, ele prometeu que irá comer.

– Como assim? - atalhou o tio – ele ouviu você?

– Perfeitamente. Anselmo fala e ouve muito bem.

– Padre, o Anselmo é surdo de nascença.

O padre chamou Anselmo, que lhe respondeu. Fez mais duas ou três perguntas, e novamente recebeu a resposta. Naquele mesmo dia, Anselmo recebeu todos os sacramentos.

Diferente era o caso de Manuel, o demente. Seu estado era grave, mas não poderia se confessar naquelas condições. Rezaram ele e o padre, as mãos estendidas. Súbito melhorou, com frases articuladas confessou seus pecados e recebeu absolvição.

O padre se retirou. Manuel contava histórias de todo tipo, mas teve outro ataque, e perdeu por instantes o juízo. Frases sem nexos, agitação, perda de memória.

Voltou a si. Reconheceu as pessoas, os lugares, os fatos. Lembrou da confissão do padre, sabia que iria partir, estava pronto. Expirou naquele dia.

24 O exorcismo

Tempos atrás realizei um exorcismo, padre Mello. Se o fizesse agora estaria contrariando meus superiores? Talvez não, se fosse ex caridade, como simples sacerdote, e não ex officio, como exorcista.

A verdade é que, com autorização do bispo, iniciei um exorcismo que era bem-sucedido até que os malditos membros da seita espírita começaram a criar caso, e o bispo entendeu que não era o momento adequado. Nem ele mandou que me afastasse daquela casa, nem eu lhe perguntei tal coisa, para não aborrecê-lo.

Como as pessoas da casa permanecessem doentes, continuei frequentando a casa de Dona Rosa, que sofre de nervos, e de seu Manuel, o marido. A pequena Emília continuava com crises agudas, e os pais solicitaram que eu interviesse como simples padre. Disse que ajudaria a combater o fenômeno sobrenatural, caso existisse, com a permissão de Deus e sem prejuízo à obediência que devo ao bispo. Assim foi, deixei claro que tomaria postura menos ativa, agindo unicamente para esclarecer pontos que restaram ambíguos.

Deus se serviu de meu sacerdócio para confirmar o que havia prometido aos apóstolos e seus sucessores. Proibi que os invisíveis sem permissão de Deus se manifestassem naquela casa, especialmente que molestassem física ou moralmente a família. Também ficava proibida qualquer manifestação, mecânica ou fantástica, na minha ausência. Permite a comunicação e o espírito respondeu que sim. Interrogado, disse que se chamava Luci, depois reconheceu que não era seu verdadeiro nome. Segundo ele, vinha a mando de Deus com a finalidade de esclarecer, disse que alguns espíritos mal-intencionados frequentavam sessões espíritas, tomando a forma de pessoas falecidas. Para se comunicar melhor, pediu uma caixa metálica já existente, de posse de Manuel, e um piano para tocar. Aceitou a minha benção e, com mão fria, apertou com as pontas dos dedos meus dedos.

– Como assim, o espírito tinha mão?

Apenas relato o que ocorreu, padre Melo. Como o tempo passasse rápido, me pediu para dormir naquele quarto. Consentí, desde que respeitasse as minhas condições.

Na manhã seguinte fui à funilaria fazer alterações na caixa metálica, que era inadequada para uma criança. Preparei o aparelho para tomar banhos a vapor. Mandeí abrir duas vigias, e aumentei o diâmetro da abertura superior. Para finalizar, mandei pintar a caixa, tornando-a mais agradável, e dei por concluído o serviço.

Três noites passadas, disse o terço na presença da família, que me acompanhou. Mandei em nome da Igreja que, em havendo invisível presente, que desse o sinal, no que fui prontamente atendido. Pudemos perceber duas entidades distintas: uma que estalava com a boca, mas não falava, e outra que curiosa examinava a caixa. Responderam por sinais que não podiam falar, e mandei que chamassem aquele que por último falara. Ouviram-se então assovios. Perguntei se tinham permissão de ali estar, responderam que não, no que foram sinceros. Retirem-se imediatamente, disse eu, apelando a São Rafael que os expulsasse. Depois disso, emudeceram e não fizeram sinais, mas percebi que a má presença persistia. Afinal se retiraram, e descansei alguns momentos na varanda. Pedi a Deus que não mais permitisse aos sem licença darem sinais.

Retornei perguntando se havia no quarto algum invisível. Disse que os sem permissão de Deus eram intrusos e seriam mandados para fora. Foi aí que aconteceu. Ouviu-se a voz.

– Venho em nome de Deus. Me chamo Luci, e estou só. Os outros três entraram sem permissão, quando acompanhavam entidade diabólica.

Impressionou-me a voz calma e angélica de Luci. Tinha a candura de um parente ou amigo que reencontramos após muito. Disse que, sendo verdade a permissão divina, ele seria tratado com cavalheirismo e sem disfarce, e que esperava dele o mesmo. Diante dessas amáveis palavras, Luci passou a colaborar. Disse que era Roth quem me circundava, induzindo a tentações. Disse mais: que antes de sair, se deixaria ver a nós.

Pedi permissão para tocá-lo, ele acedeu, eu pus a a mão na caixa. Luci brincou um bom tempo com minha mão, depois beijou-a. Seus lábios eram quentes e vivos, o que depressa me fez esquecer que lidava com um invisível.

Mostrou a mão fora da caixa. Era mão de mulher, branca, sem marca de trabalho braçal. É curioso que tais seres, quando invisíveis, não se deixam tocar, enquanto na escuridão consideram o contato natural.

– Você considera normal tocar em espíritos? Nunca ouvi semelhante coisa.

Há uma explicação para isso, padre Melo: é o chamado desdobramento. Nessa situação, o uso que é feito de um corpo vivente pela ação desse fenômeno, o corpo encontra-se bilocalizado. Nessa situação, ele pode estar tangível e intangível, como neste caso, ou ainda ser visível e invisível. Reconheço que não é matéria fácil, mas é verificável pela ciência.

– Não há possibilidade de ser uma mistificação? Por outro lado, não teriam vocês sofrido de alucinação coletiva?

De modo algum! O exorcismo praticado foi comprovado experimentalmente. É possível que alguém discorde de algum aspecto da doutrina católica, mas tratamos de fatos. Você mesmo diz, contra fatos não há argumentos.

Também há outra questão: as circunstâncias nas quais se praticou o exorcismo foram irreprodutíveis, não havendo espaço para fraudes ou alucinações. Mesmo que eu quisesse repetir a experiência, seria impossível.

Resta ainda uma pergunta: qual a finalidade da possessão? Devo dizer que a responsabilidade pelos atos praticados é do invisível, isentando o dono do corpo. O espírito assume o corpo para comunicar-se com o mundo. Não sendo o dono legítimo do corpo responsável, resta evidente que o corpo adquire a personalidade do espírito, todavia não de modo absoluto, pois o corpo transfere as inclinações do indivíduo ao invisível. Se o indivíduo é crente, terá o invisível a tendência a ser crente, conquanto fosse ímpio, e vice-versa.

– Você quer aniquilar o espiritismo ou fazer espiritismo? Você acaba de descrever uma sessão espírita.

Só os fenômenos são os mesmos. Não faço uso de invocações nem de hipnose, prefiro agir diretamente sobre o sistema nervoso central.

25 Atormentadores

Retomei minhas atividades na paróquia, que a rigor nunca foram interrompidas. Cumpria o expediente regular, e só retornava à casa dos Rocha após meus afazeres.

Sete dias passados, voltei à referida casa e empreendi nova sessão de libertação da menina. Recitei o terço na presença de D. Rosa, invoquei os seres invisíveis com permissão divina para se comunicar, e exigi um sinal de sua manifestação em nome do poder da Igreja. O sinal veio de forma muito modificada, logo percebi que não era o invisível principal, e sim intrusos que queriam mistificar. O principal só vem após horas de sono profundo do indivíduo marcado, e a menina recém havia deitado. Ofereci flores como presente para Luci, perguntei se as aceitava. Respondeu que sim, agarrando-as de modo vulgar e rude. Perguntei se era mesmo Luci quem falava, disse sim. Mas eu não confiei, e mandei que devolvesse as flores, porque eram reservadas a outra pessoa. Devolveu-as, mas notei que a haste estava quebrada. Para disfarçar, reuniu as pétalas no centro. Já não era a flor que entreguei intacta. Foi a espantosa indiferença que me deu a certeza: não era Luci ao falar.

Tive a convicção de que estes seres não foram enviados por Deus nesta sessão, senão permitidos por Ele para nos prevenir de toda mistificação. Eram intrusos portanto, mas a hierarquia celeste os proibia de incomodar quem quer que fosse. Além disso, eles tinham o dever de me obedecer, posto que eu comandava em nome da Igreja.

De joelhos em nome de Deus e de São Rafael, representando todos os santos anjos, roguei pela expulsão dos intrusos. De pronto se escutou um bater de cadeira e três estalos na janela. Os presentes se impacientaram, julgando tratar-se de um ataque, mas se acalmaram após eu garantir que tudo corria bem.

O que seguiu foi um silêncio profundo. A calma havia voltado àquela casa. Como tudo estava bem, nos retiramos do quarto, dando ocasião para dona Rosa acalmar-se dos nervos.

Quando voltei, fiz as orações preliminares, mas nada ocorreu. Retirei-me do quarto para novo intervalo. Voltei ainda uma vez, avisando que sabia da existência de invisível ali, que se não se manifestasse seria por mim expulso para sempre daquela casa, em nome de Deus e da Igreja. Em nome de Deus e da Igreja, que falasse.

Então ouviu-se uma voz. Era Luci. Disse que os invisíveis atormentadores eram Demon, Kalcer e Satanás, e ali estiveram até serem expulsos, mas ainda circundavam a casa. Quem estalava a boca era Demon, quem arrastava a cadeira era Kalcer e Satanás falava. Deus

não os havia mandado para nos tentar, então eles entraram de própria vontade. Passei a tratar de Luci unicamente, sabendo que voltaria a encontrar os demais.

26 As duas igrejas

– Preciso interromper o seu relato, padre Landell. Essa descrição dos fatos, se verdadeira, significa que você desobedeceu abertamente ao bispo, seu superior hierárquico. A partir do momento da proibição, salta aos olhos que você falava em próprio nome, não em nome da Igreja.

Também pensava como você, padre Melo. Razões substanciosas me fizeram mudar de opinião. Antes de me condenar, peço que ouça minhas explicações sobre a razão dessa pretensa desobediência. Quanto à igreja, ou igrejas, posso dizer que vejo duas onde você e os demais veem uma.

Primeiro examinemos a razão de minha cassação como exorcista. Alega o bispo ter sido pressionado pelos malditos espiritistas, que tiravam proveito de minha pessoa para justificar suas falsas crenças. Nada disse do exorcismo em si, razão principal de minha consulta. Temos então que não havia motivo razoável para a cassação. Havia menos receio ao sobrenatural – o que justificaria a proibição – que o temor humano de expor a própria autoridade ao ridículo.

Até então, havia seguido o ritual romano. Após a proibição, abandonei o ritual e apenas dei conselhos aos invisíveis, sem entretanto exortá-los. Agi sempre após o horário do expediente, na qualidade de simples sacerdote, renunciando completamente ao posto de exorcista. Daí sustento que não houve desobediência, pois minha intervenção viu-se reduzida; agi ex caridade, não mais ex officio.

De resto, qual é a autoridade do bispo? Ele tem poder absoluto? É correto que ele tem jurisdição sobre este assunto, mas essa mesma jurisdição é provisória. Indo às últimas consequências, é o bispo não mais que um indivíduo, e a opinião particular de um único indivíduo não representa e não pode representar toda uma Igreja.

Mesmo que eu estivesse errado, e não estou, sobra uma essencial diferença inconciliável: eu não agia em nome da Igreja de São Paulo, mas da Igreja universal de Jesus Cristo. Se fui suspenso de uma, não o fui da outra. A Igreja de Jesus Cristo não inclui a outra. Nessa religião, e não na outra, eu agi conforme minhas mais fundas convicções.

27 Vida, ossos e carne

Eu parei no momento em que ia falar com Luci. Portava-se como uma dama, aceitou as flores e começou a desfolhar um malmequer, repetindo a conhecida brincadeira: bem-me-quer, malmequer. Na última pétala, pronunciou bem-me-quer. Pelo seu modo de falar, era a nós que se referia. A menina Emilia via apenas a pétala desfolhando-se sozinha.

Entreguei a ela o pianinho comprado em São Paulo, e o martelinho que servia para tocá-lo. Luci com bons modos aceitou o pianinho e sem demora tocou o bitu. Dispôs a cadeira o mais distante que pude para que, ao tocar, mostrasse a maior parte do braço.

Luci tocou o bitu com mestria, e disse que nos acompanharia se começássemos a cantar. Sua rara habilidade ao piano, sua graça, elevou os nossos espíritos e me fez perguntar se não era um anjo.

Pudemos apreciar bem sua mão enquanto tocava. Era cor de bronze, muito bem feita, as unhas aparadas, dedos compridos e torneados. Pude ver e tocar, asseguro que havia vida, ossos e carne naquela mão, como a mão de qualquer um na sala.

Pedi um anel de presente, recebendo de mim a promessa de que o compraria. Eu precisava, contudo, da medida de seu dedo e ofereci outro anel para tomar essa medida. Pôs o anel no dedo, e disse que o usaria, e ainda o outro, mas apenas ali, e ao desmaterializar-se deixaria o anel como uma lembrança. Quis saber se ela não podia levar o anel, mas evitou responder. Não insisti nisso, posto que meu objetivo era agora outro.

Fiz meu primeiro pedido: que mostrasse seu rosto perante nós. Primeiro recusou, como eu insistisse respondeu que não faria porque era capaz de nos assustar. Foi quando eu falei que a cobrisse toda a cabeça e o rosto, e o descobrisse aos poucos, para não assustar. Ela gostou da ideia e disse sim.

Dei-lhe um pano, que ela enrolou demoradamente. Após longo intervalo, rasgou um pedaço do pano que envolvia sua cabeça. Então pudemos ver seu nariz, que era de tamanho regular e da mesma cor da mão. Interessada pela cena, a menina referiu que via o pano levantar e baixar, mas não via a pessoa ou suas mãos. Confirmei que ela via apenas o pano, a exemplo da flor que para ela se desfolhava sozinha. Nesse instante, Luci cobriu o nariz e disse que não iria continuar.

28 Aqueles que são maus

– Por que você tomou tanto tempo, Luci, se não era para cumprir o que prometeu? Não peço por mim, pois ficaria quantas noites aprouvesse a Deus para recolher os positivos argumentos que denunciasses o espiritismo. Peço pela menina, a quem essa prolongada vigília prejudica a saúde. Preciso lembrar a razão de estarmos aqui? Por que atravessamos as noites? Suas manifestações, que contam com a permissão de Deus, seriam o marco do completo aniquilamento do espiritismo e teriam por consequência o renascimento do espiritualismo católico. Mas você não se importa. Aqueles que são maus são mais obedecidos que nós, os que trabalhamos em prol da Igreja de Jesus Cristo.

Foram estas exatas palavras ditas a Luci, lembro do momento em que as pronunciei. Causa revolta que os ímpios de nosso tempo, os inimigos de nossas crenças, recebam todos os favores dos invisíveis, enquanto nós que buscamos a verdade somos negligenciados.

Luci respondeu que eu não perdesse a esperança, que ela iria revelar a verdade. Para ela, tudo o que se fez até aqui não passa de carne de vaca, e não é diferente do que se passa nos ditos centros espíritas. De fato, as ações praticadas pelos invisíveis aqui são comuns nessa seita e já não causam estranheza: tocar a nossa mão, mostrar a mão, falar, cantar, comer, escrever, desenhar, etc. Eu precisava de mais do que essas ações cotidianas para completar minha missão.

Imagine que Luci saia da caixa e se faça ver no meio de nós, à luz do dia, sem precisar da menina? Assim que o fizer, minha crença será confirmada. Seria a maior prova contra o espiritismo. Luci precisava sair do que chamava 'carne de vaca' para enveredar por uma nova senda, em que a luz se faça, pois mais do que nunca precisamos dela em meio à escuridão densa.

Outra vez Luci confirmou que ia sair da caixa para combater o espiritismo. Quanto a isso ficamos de acordo. Assim que se resolvesse, Luci daria um sinal evidente. Passamos, a seguir, a brincar. Luci gosta de jogos, e por vezes age como criança. Pus um níquel na palma de minha mão, fechei a mão, e prometi o níquel se ela conseguisse abri-la. Após muito esforço, e usando as artimanhas próprias das crianças, consegui abrir minha mão, pôs o níquel na palma de sua mão, e o jogo se inverteu. Despediu-se com um aperto de mão carinhoso, quem sabe pela última vez.

29 Verdade ou mistificação

Fui chamado às pressas para atender com muita urgência um doente. Demorei a dar resposta ao sacristão, porque estava em repouso. Ele, do nada, estalou de modo estranho, logo o sacristão, que nunca estalava. Entendi como o sinal prometido por Luci, e segui imediatamente para o cenário do conflito. Encontrei os familiares no quarto, disse a eles que duvidava que um invisível desmascarasse o espiritismo, porque o inferno não iria combater o inferno, e não interessava ao diabo destronar mefistófoles.

Foi o que disse ao invisível: se ele era Lúcifer e recebeu a missão de aniquilar o espiritismo, obra sua, era uma das duas: ou o inferno se dividiu, ou ele recebeu missão especial de Deus, nesse caso o Onipotente saberia reabilitá-lo. Ele disse essas palavras: pode ser isso mesmo. Após essas palavras sem emoção, compreendi que estava diante de uma grande verdade ou de uma grande mistificação. Era quase certo que ele mentia. Se não mentisse, seria um ser angélico, e não diabólico, mas eu sentia que estava diante de um demônio que mistificava.

Pedi a Deus, à Santa Mãe e a todos os Anjos, pedi que me limpasse desses caminhos difíceis. Os seres invisíveis não eram enviados por Deus, por isso minha missão não seria completa. Cedo ou tarde sairiam, sem necessidade de intervenção minha.

Por oito dias recolhi-me ao escritório da igreja. Ouvi pancadas e estalos característicos dos invisíveis, mas ignorei-os. Só voltaria se viessem sinais novos.

Colaborou para essa nova atitude a postura dos donos da casa. Nervopata que era, Dona Rosa decidiu tolerar os sinais de presença na casa, sendo respaldada pelo marido. Eles preferiam tais sinais, que já não incluíam os toques na pele, as sucessivas noites maldormidas. Não me pronunciei dada a condição do casal, concluindo que assim procediam mais por ignorância que por má-fé.

Toda história tem um final, por isso no nono dia resolvi dar um fim nessa. Estando próximo da casa, resolvi ir lá uma vez mais, e assim procedi.

Recitamos o terço de Nossa Senhora. Muito tempo esperamos sem sinal. Finalmente aquele que parece ser Demon dá sinal com o braço, mas não diz palavra. Lembrei-o de nosso pacto – só os falantes tinham permissão – e sendo esse invisível não falante, é de supor que fosse intruso. Sendo intruso e já banido da casa que era, não mais poderia voltar. Ele insistia em ficar com a fronte por terra, pedi a Deus que por meio de seus anjos o retirasse dali. Ele saiu, e nesse instante entrou o outro, que podia ser o mesmo, dizendo-se Satanás, e falava.

De pronto mandei que saísse. Ele tentou justificar sua presença, mas fiquei firme e o mandei sair. Ele fazia gracejos e nos incitava a todos ao riso, tive de conter-me, Manuel saiu da sala. Disse novamente 'saia já, já', ele dizia 'já saio', mas não saía. Ordenei novamente e ele disse 'abra a porta para eu sair', como se ganhasse tempo. Levantei e fui na direção da voz dele, como se fosse expulsá-lo à força. Seguíam os gracejos. Pois bem, disse eu, vou pedir em punição a tua desobediência que Deus te arrebate da matéria que te reveste. De joelhos, invoquei várias vezes a Deus e aos santos anjos e o que se ouviu por toda a casa foi um profundo gemido, seguido de um profundo silêncio. Ele foi retirado por entre dores cruciantes.

O silêncio foi interrompido por um outro, dizendo ser Repolhe, mas era o mesmo Satanás que voltava do castigo, como pude ver após a sua fala.

Era um e o mesmo com vários nomes que se apresentava naquela noite, provando que o invisível tomava outras formas nas sessões que invocavam os mortos, e assim procediam nas chamadas sessões espiritistas.

Veio ainda um outro, dizendo ser Luci. Fingi acreditar, pedindo que mostrasse sua mão. Sem falar, ele punha a mão para fora da portinhola, mas não a mostrava, senão voltava para trás. Fez isso muitas vezes, até que me impacientei e o chamei de canalha e que partisse o quanto antes, ao que ele respondeu 'hoje eu não sairei mas sim depois'. Disse que já estava satisfeito há muito com ele, e nos retiramos incontinentemente. Apurei pela manhã que todos dormiram bem, menos eu que passei mal, o diabólico perturbava o meu sono batendo com ferrolhos na porta do quarto dos fundos.

Notei uma modificação nas atitudes dos invisíveis que de fato esbarrava com o espiritismo. Era inevitável que cumprisse sua promessa e saísse da caixa se o vigário capitular não me mandasse pedir demissão, alegando descumprimento de certas cláusulas da congregação. Tenho para mim que o saldo da atuação foi satisfatório, ainda que não tivesse completado o objetivo.

- Não acredito em nada do que você disse, padre Landell. Suas palavras parecem as de um alucinado. Temo pela sua segurança se chegarem aos ouvidos do vulgo. Não acredito em espíritos, menos ainda que, em existindo, tenham matéria e feição humanas e possamos tocá-los. Resta evidente que você descumpriu a ordem de seu superior hierárquico, isso farei saber o bispo. Esqueça que tivemos tal conversa, que eu esquecerei que esteve aqui.

Vallumbrosius

*Firme em minha tristeza, tal vivi.
Cumprir contra o destino o meu dever.
Inutilmente? Não, porque o cumprir.*

Fernando Pessoa

30 Porto Alegre, 1908

A cidade que o padre encontra não é a mesma que deixou há 17 anos. Os agora 80 mil habitantes são quase o dobro da população. A cidade é um canteiro de projetos e obras. O gramofone já frequenta algumas casas, mas é o telefone que gera polêmica: seu alto custo afastava os interessados. Mesmo quem podia pagar pela novidade a rejeitava, diziam que substituía a visita e invadia a vida íntima.

As ruas, essas não mudavam: não havia esgotos e eram raros os pátios e jardins. O despejo era na rua, que atraía ratos, que traziam as pestes, que atingiam as pessoas, que despejavam na rua. Os arrabaldes ainda eram iluminados a querosene, enquanto o centro já tinha luz elétrica há uma geração.

A Rua da Praia brilhava solene com seus letreiros luminosos, seus cinemas, cafés, livrarias. O comércio se destacava, surgiam tipografias, relojoarias e casas de negócio.

Landell esforçava-se para ouvir o intendente, e percebia lugares para poucos escolhidos: hotéis, lojas de importados e restaurante, onde os belos e bons se encontravam.

As roupas das mulheres haviam mudado: enquanto algumas conservavam o chapéu de plumas, muitas vestiam trajes mais leves e menos ociosos, influenciadas pelo ciclismo.

Tudo tinha seu lugar devido: as crianças de rua iam para o ordinatório da Santa Casa, os alienados iam para o Hospício São Pedro, os criminosos para a Casa de Correção, e os proletários iam para fora do centro. Era o resultado de quase uma década de reforma urbana.

O intendente chamou a atenção para os chapéus masculinos.

– Para determinar a posição de alguém, basta olhar seu chapéu. Os mais ilustres trajam cartola, os remediados vestem chapéu-coco, os pobres usam chapéu de palha e os mais pobres carregam boné. Aqueles sem chapéu, com gravata de laço, são poetas.

O intendente acrescia o estímulo aos esportes, como as regatas e os matches de futebol. Mas as pessoas gostavam mesmo era de se reunir em um dos quatro hipódromos da cidade.

Exaltava o intendente a reforma urbana. Das velhas casas coloniais umas foram demolidas, outras restauradas – não havia memória dos tempos coloniais. Mas a maior alegria do prefeito eram as escolas.

– A educação vai nos modernizar, através da aprendizagem de profissão técnica. As indústrias prosperam, e precisam de mais operários. Nós formamos esses operários, e as indústrias prosperam de novo.

31 A caixinha

Era pequena, menor e mais pesada que um livro. Uma caixinha comum, feita de madeira, que Landell trazia consigo onde fosse: em casa, na rua, na missa. Igual a tantas caixinhas do planeta, com a diferença de que esta falava.

Contam que o padre caminhava pela Rua da Praia com sua caixinha. Os acendedores de lampião aguardavam o início do turno de trabalho. Engraxates atendiam seus últimos clientes. Ao fundo, um caixeiro corria atrás do bonde.

Um acendedor foi o primeiro a notar que o padre parou no meio da procissão, em busca de um lugar menos barulhento, pediu silêncio aos que passavam e começou a gritar com a caixinha. Falava uma língua que não era a do seu povo, e o povo não tinha o costume de falar com objetos. Apenas Berti ouviu a resposta da caixa, também em língua estrangeira. Os fiéis cochichavam, impacientes.

Finda a conversa, na verdade monólogo, Landell deu sequência à romaria.

Durante a missa, o padre deixou a caixinha ao lado do cálice, no altar. Haviam começado a cantar quando a caixinha falou. Parou a missa, o padre gritava, de costas para a plateia. As pessoas na primeira fila ouviram um zumbido, e com as mãos espantavam uma abelha invisível.

O padre voltou, a missa continuou, repetiu-se o canto. Quando estavam no Credo, e as crianças ameaçavam se levantar dos bancos, a caixinha falou de novo. De novo o padre se afastou, de novo gritou, de novo o zumbido.

Ao voltar à missa, o padre perguntou em qual ponto pararam. Ninguém sabia. Reiniciou pelo princípio.

32 No cinema

Landell entra pontualmente adiantado no cinema Apolo. É sempre o primeiro a chegar, faltam dois quartos de hora para a sessão.

Sentado na sala de espera, Landell cumprimenta ausente os espectadores que vão chegando. O público é grande: é a estreia de O encouraçado Potenkim. O filme inova nos efeitos visuais, mas Landell não sabe disso. Permanece sentado na sala de espera, de novo vazia, alheio ao filme e às pessoas. Fuma um cigarro de palha por ele mesmo fabricado, e frui.

Há uma orquestra ao vivo no cinema: flautistas, pianistas, violinistas. Executam quase à perfeição os movimentos musicais, e o padre arranha um fugaz sorriso por entre as acanhadas rugas. Não está mais no cinema. O som do cinema brilha em seus olhos fechados. Uma ou duas vezes, faz logaritmos das notas musicais, para recreio. As notas musicais são números com cores, textura, carne. Ficou assim, iluminado por seus sons sem imagens, até que o filme acaba. Volta, então, ao mundo do tempo consecutivo, ao prosaico do mundo.

É o primeiro a sair do cinema. Apesar da tosse, terá uma boa noite para o sono.

33 Outros planetas

Landell esteve com um presidente da república, do qual não recordo o nome. Pediu dois navios para testes de transmissão de voz, e o presidente nomeou um assessor para encaminhar o pedido. Também o nome desse assessor me escapa – maldita memória, só grava fatos relevantes. De todo modo, reuniram-se os desimportantes para decidir o que fazer.

– Fui por Vossa Excelência designado para atender ao pedido do padre Ricardo Landell a respeito do aluguel de navios. Sei que o senhor está inclinado a auxiliar o dito inventor, mas estimo que não será possível por um motivo simples: esse homem é maluco.

Por ordem sua, perguntei a distância entre os navios desejada pelo suposto inventor. Trata-se de um homem educado, com uma bela voz. Ele fala muito alto. Sem pensar nem um segundo, esse padre disse querer a maior distância possível. Ele se acha capaz de falar com qualquer lugar do planeta e até mesmo com outros planetas! Se houvesse vida em Marte, nós já saberíamos porque tudo que havia para ser descoberto o homem já descobriu. E vem esse padre com assuntos de planetas! Padre tem que falar de Deus, rezar missa, não tentar ser o que não é.

Quase esqueci: ao se despedir, ele tirou do bolso uma caixinha que fazia barulho e chegou a gritar com ela. Fica evidente que o falso inventor não está no seu juízo, embora acredite em tudo que diz. Ele não é perigoso, mas digno de pena. Vou escrever uma carta educada, para não irritá-lo, e sugerir aos seus superiores que busquem tratamento para o infeliz.

34 A sombra

Fazia sol naquela tarde úmida de fortes ventos. Em pé, ao lado da caixa de correio, a mala feita em um canto da sacristia, Landell tapava o sol com a mão.

Foi ao encontro do carteiro tão logo o viu. Pegou a carta de sua mão, examinou o remetente: “Presidência da República”. Tomou um chá de boldo, sentou em sua cadeira de balanço e rasgou o envelope com força. Nessa época do ano, o tempo muda sem qualquer razão.

Dizia a carta: NO MOMENTO, NÃO PODEMOS ATENDER O SEU PEDIDO. AGUARDE NOVA OPORTUNIDADE. LAMENTAMOS PROFUNDAMENTE. NEGADO.

Como assim, outra oportunidade? Essa era a última e a única oportunidade.

Um estremezimento percorre seu corpo. Lê e relê a educada negativa, sem acreditar no papel. Levanta-se num impulso, o gato que dormitava aos seus pés foge assustado, derrama a xícara no colo. Pega um copo d'água, larga o copo. Corre em direção ao laboratório. Sente uma dor no peito. A chuva o golpeia como um boxeador. Tropeça numa caixa.

Entra na oficina, que está em excelente condição . Todas as peças em seu lugar. O piso recém colocado. A faxina feita naquela manhã.

Pegou o aparelho de rádio e jogou-o contra a parede. Pisou no que restou dele, apanhou o resto e atirou contra os outros inventos. Rasgou os papéis, fez uma fogueira e colocou-os ali. De alguns se via o título: O Exorcismo, Logus, Visão à Distância, Teletipo, Bioeletrografia. Dos outros, nunca saberemos.

– Tudo acabou. Tem sorte quem nunca esteve nesse vale das sombras.

A chuva cada vez mais forte. Relâmpagos assustavam os pássaros. Os trovões, cada vez mais próximos, pareciam vir do laboratório. Era as sombras que combatia, na sombra de si, perdera o rosto, o nome, o motivo. Com uma pá começou a destruir as janelas, as mesas, os aparelhos. Só faltava um armário de miudezas. Abriu-o, só havia uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Largou a pá, caiu vencido ao chão.

– Pai, por que me deste o dom se ias me abandonar?

35 O acidente

Os primeiros automóveis cruzavam as ruas centrais de Porto Alegre, sendo bloqueados a todo instante por cavalos, bondes e pedestres desavisados.

Aquela tarde fria de outono encontrou Landell na Praça da Matriz, a caminho de uma reunião. Sentia dores no peito e tossia sem parar. Encontrou um amigo no outro lado da rua, quando ouviu um grito cansado:

– Cuidado!

Esse Instante prolongou-se no tempo. O carro estava em movimento retilíneo uniforme, era constante, sua força era sua massa vezes a aceleração. Landell observou a trajetória do carro e calculou a intensidade do impacto. Se ficasse parado, seria jogado para cima do carro, e as escoriações seriam graves. Se fosse na direção contrária, também seria jogado ao alto, mas suas costas e braços seriam mais atingidas. Restava uma opção: ir em direção ao veículo, amortecendo o impacto e sendo arremessado ao chão.

Foi o que fez: jogou-se contra o automóvel. Claro que foi atropelado, fraturou a perna e teve escoriações nos braços.

36 Terá pai a chuva ?

As rosas murchas no quarto de hospital atestaram a visita de Reinaldo. Trazia cigarros e um agasalho para a noite, além de um bolo de laranja.

Landell agradeceu o cigarro, mas não prestou atenção ao bolo. Por um momento interminável, que poderia ser uma hora ou três minutos, contemplaram a vida que seguia do outro lado da janela: o namorado que leva flores, a criança com sua pipa, o boêmio que volta para casa, o trabalhador que caminhando dorme dorme. As pessoas seguem o curso normal do tempo, é manhã, vai ser tarde e noite e manhã novamente. O tempo é cíclico, é regular como o relógio, é o tédio sensível.

Pediu à enfermeira que fechasse a janela.

Reinaldo quis saber como ele estava, *bem*, o que o médico falou, *que vou sair em poucos dias*, minha mãe que fez o bolo, *deixe aí que vou comer mais tarde*.

Fumaram cigarros. A fumaça encobria os rostos e turvava a visão. Não havia rostos, mas vozes que se encontravam no ar imundo.

– O que aconteceu com você me faz duvidar da justiça de Deus. Você que é puro e sem delito, por que crime está pagando? Por que fatos ruins acontecem com pessoas boas? – A voz apimentada, solta a heresia em uma frase medida: – Não acredito nesse Deus, a única divindade que reconheço é a Humanidade.

37 Quem gera as gotas de orvalho?

Landell ergue a cabeça e tenta levantar-se da cama, pela vez primeira interessado na palestra.

– Deus permite o sofrimento do justo para que se ponha à prova sua fé. Não podemos julgá-lo, Reinaldo, porque não conhecemos seus desígnios, não o vemos face a face.

Perguntar por que Deus permite a maldade, isso eu aceito. Mas perguntar se Deus existe é uma pergunta que você nunca deveria fazer. É tão evidente e necessária a existência de um ser supremo que se tornaria mais difícil negá-la do que afirmá-la.

Terá pai a chuva? Quem gera as gotas do orvalho?

Considere, Reinaldo, o templo em que iremos rezar. Ele não se fez sozinho: teve um arquiteto que o meditou, concebeu e obrou. Quem ergueu o templo? Quem manda a chuva? Pode o acaso erguer o templo? Pode a vontade mandar a chuva? Fica evidente que Deus é o supremo arquiteto e o pai da chuva.

Você, como Tomé, precisa ver. Nesse instante, você vê a mim. É mais difícil para você negar a minha existência do que admitir que eu existo. Também assim é com Deus: negá-lo seria negar a existência de todos os seres vivos.

Conversaram mais um tempo sobre a nova arquitetura da Biblioteca Pública. Reinaldo se despediu, dizendo que se veriam na igreja ou no cinema.

Landell dividiu o bolo com os colegas de quarto. O agasalho, ele o deu ao primeiro mendigo quando se viu na rua.

38 Sobrinhos

Landell recuperava-se em casa do acidente, com a perna imóvel. Rabiscava um novo invento, o Telefotorama, interrompendo os escritos com a chegada festiva dos sobrinhos.

De hábito alegres, os meninos estavam curiosos e agitados naquela tarde. Haviam quebrado uma cadeira, e sabe-se lá quantas mais quebrariam. Riu da travessura como se fosse um deles. Propôs aos sobrinhos um jogo: ganharia um prêmio aquele que tirasse mais brancos de seu cabelo.

Pois a zanguizarra ganhou método. Os meninos se empurravam na disputa pelo couro cabeludo. Não eram peritos, retiravam dez fios pretos para cada fio branco. Landell sorria, enquanto os meninos divergiam na contagem dos fios, por fim decidiu premiar a todos.

Guilherme perguntou o que era aquela caixinha que ele sempre trazia consigo. O tio explicou que era um radiotelégrafo, que transmitia sons à distância e que isso mudaria o futuro das comunicações. Julgando isso impossível, Guilherme perguntou como ele sabia que o som se espalhava no ar, se ele não o via.

– Pegue uma colher e um barbante. Amarre o barbante em forma de pêndulo. Muito bem. Agora bata com a colher na mesa. Está ouvindo? Esse movimento de barbante é a prova de que o som se propaga no vácuo.

Inácio, o sobrinho mais velho, manifestou interesse em ser padre. Queria ir a Roma como o tio, e ser cônego na mesma igreja. Landell o observou com interesse. Uma garoa fina saía dos olhos do padre.

– Ser padre é uma missão especial. A primeira coisa a saber é que a igreja tem muitos erros.

Veja o caso do celibato: por que os padres não podem se casar? Os pastores, e como eles os rabinos, podem casar, e não constatei nenhuma perda em suas faculdades religiosas.

Se você assim mesmo quiser ser padre, então procurar a Deus será a sua vida. Não ame por amor da santidade ou para ser perfeito, ame só por Deus.

Você me pergunta o que é procurar Deus. Procurá-lo é desviar-se dos desejos deste mundo, das obras de que Ele não necessitar. Ah, sim, o rádio. Ele é mais uma necessidade de Deus, da qual sou humilde veículo.

Para procurar a Deus, mantenha silêncio no seu coração. Só assim ouvirá a sua voz. Deve cultivar a liberdade intelectual para entender a vontade secreta de Deus. Você mesmo deve ser uma vontade pronta a dobrar-se.

Você deve reunir tudo o que tem, tudo que é capaz de fazer, de ser, de suportar, e tudo dar a Deus, e depois esperar o esquecimento e o abandono de todas as coisas. Esse mundo é só vaidade.

Se você fizer isso, Inácio, será um bom padre.

39 Catequese

Notou o padre ao sair da igreja uma jovem de excessos, com extravagantes roupas de festa na roça. Buscava a atenção dos homens, com os quais saía após breves diálogos. Ao lado dela havia outra, outra à sua frente, ao fim da rua outra, nos extremos da praça outra e outra. E outra. A casa de Deus era um oásis no deserto do meretrício.

Nos dias seguintes, da janela de seu quarto, na Igreja, observou a rotina daquelas mulheres tão distantes de Jesus, que sorriam tristezas aos passantes, os rostos pintados de carmim. Sabia o seu dever.

À hora do almoço, reuniu as madalenas nada arrependidas e expôs seu plano:

– Vocês são filhas de Deus tanto quanto eu, mas não frequentam a igreja. Quero reuni-las aqui e ensinar-lhes o que sei sobre Cristo e os profetas.

Uma menina chamada Celeste o interrompeu:

– O senhor quer nos catequizar? Perde seu tempo conosco, Padre. Deus não se lembra de nós.

– Então o que eu faço aqui? Estou aqui porque vocês precisam mais de mim que meus fiéis, e quem é são não precisa de médico.

Tanto falou que reuniu um pequeno grupo todas as quintas-feiras. Falavam sobre Deus, a natureza, a força da mulher, eram os sermões que o padre levava para as missas. Eram boas alunas, Celeste chegou a saber salmos inteiros, sendo presenteada com um libreto com a dedicatória: “O senhor é o meu pastor, nada me faltará”.

O padre levava pães e as abençoava com água benta. Chegou a levá-las para dentro da igreja, onde Celeste foi comungar. As devotas se retiraram antes da comunhão, e as baratas de igreja simularam repulsa, mas retornaram no domingo seguinte. E a catequese continuou.

40 Sobre a natureza

Algumas crianças brincavam no pátio da Igreja. Do outro lado da rua, prostitutas alugavam seus corpos, atraindo olhares furtivos. Um grupo de literatos se reunia na praça XV para debater a poesia de Gonçalves Dias.

Não eram os casos do menino Benito, de Maria Celeste e do poeta Reinaldo. Em meio ao vulgo, acompanhavam cada palavra do padre como se fosse a palavra secreta de retorno ao paraíso.

...Oh Virgem Sacrossanta, mãe das almas justas e também das pecadoras arrependidas, a ti meus braços estendo como o párvulo os estende à carinhosa mãe...

Celeste: Sou uma pecadora, mas não sei se estou arrependida. Se entendi sua fala, não sou uma alma justa. Mas não minto para ninguém, sou o que digo e digo o que sou – não sou justa à minha maneira? Sou pecadora e sou mãe. Quando abraço meu filho, eu não peço, então não sou pecadora o tempo inteiro.

Benito: A Virgem Santa é Maria. Esse Párvulo eu não conheço, nunca veio aqui, mas se o padre gosta dele eu também gosto. Minha mãe é justa, ela me deu minha espada de madeira porque sou um bom menino, ela mesma que disse na noite de Reis.

Reinaldo: ele está dizendo que a Virgem é mãe de todos, o que não é novo, mas inova ao incluir as pecadoras e se proclama filho de um modo diferente.

... Sim , tudo isto quanto nossa vista pode alcançar, nosso intelecto pode ver e pressupor e nosso coração sentir, amar, pressentir e desejar, tudo isto é precisamente a natureza, essa graciosa deidade...

Reinaldo: é a primeira vez que vejo um padre chamar a natureza de divindade. Seu conceito de natureza é impreciso, mas belo. Gostei da repetição do “tudo isso”. Celeste: Será que a minha natureza é igual à dos que estão me olhando de lado nessa igreja? Sou capaz de sentir e julgar como qualquer um, se isso for verdade, tenho direito de estar aqui. Eu sou a minha natureza, tudo que eu vejo é o que eu vivo.

Benito: Meu pai me levou para pescar no riacho da Ipiranga e sei onde ele termina, então a natureza tem fim? Ou será que as estrelas que o padre Landell me mostrou são natureza também? O padre está muito feliz. Eu o vi escrevendo o sermão, estava mais triste.

Nem todos leem o livro da Natureza como deveriam ler, deixando-se transportar nas asas da contemplação, do tempo à eternidade, onde nossas almas, encontrando-se com o

Autor da Natureza, o adoram em espírito de verdade e castidade, em espírito de amor e gratidão.

Reinaldo: a natureza é uma assinatura de Deus. Quando esse homem viveu o encontro com o Autor da Natureza? Não creio que vá ser compreendido.

Celeste: o pouco que eu sei ler foram aqueles livros que o padre me contou. Mas se o autor da natureza é Nosso Senhor, eu já o amo agora. Se eu não o amasse agora, nunca o amaria. Se eu ainda estou viva, é por causa de Nosso Senhor Jesus Cristo, e no dia em que ele quiser voltarei para ele no céu. Sim, também eu pertença ao céu, também eu sou filha de Deus.

Benito: acho que ele está falando da Bíblia. Ele sempre repete aquela parte, quando o Moisés fala com a planta que é Deus. Também acho que ele está rezando.

41 De onde provém a Sabedoria

O sol brilhava naquela manhã. Mas Landell não pôde ver, pediu à enfermeira que fechasse a janela.

Deitado na cama, sem vontade de sair nem de conversar, sorria para a indesejada enquanto esperava a diária visita de seu irmão. Esquecidas sobre a mesa, cartas que jamais seriam lidas, um exemplar da Última Hora contendo sua entrevista, e um artigo reivindicando a invenção do rádio. Mais tarde pediria ao irmão que tudo jogasse ao lixo. Por ora, meditava a pergunta de Botet tendo à mão o livro de Jó.

Escreveu a seguinte carta-resposta:

Caro Botet,

Toda a minha existência pode ser resumida na busca incessante de Deus através da Sabedoria. Ela é o mais precioso dos bens, porque *não se compra com o ouro mais fino, nem se troca a preço de prata*. Ela não está em nenhum ponto da natureza, e nenhum homem a conhece. Apenas Deus sabe o seu caminho, pois a viu e a amou.

Por isso procede a pergunta: *Donde vem a Sabedoria? Onde está o lugar da Inteligência?*

A grande vantagem da Sabedoria é a ausência de inveja: quem a tem de nada precisa, quem não a tem não a deseja. As incompreensões são naturais àqueles que lhe são indiferentes, posto que a consideram inútil e a abominam. Também Galileu foi ridicularizado ao dizer que o gelo boiava devido ao seu peso, e não ao formato quadrado. Guardei mágoas, mas reconheço que meus detratores não poderiam agir de outra maneira. Quanto a mim, ergui uma cruz no coração dos homens e criei com o rádio uma ponte para aproximar o homem do homem e estes de Deus. Por menor que seja minha contribuição, exercitei plenamente as faculdades do intelecto que me foram dadas.guardo satisfeito o fim dos meus dias, porque obrei para a glória de Deus. Como diz o Livro Santo:

O temor do Senhor, eis a Sabedoria
fugir do mal, eis a Inteligência.

42 O monsenhor

Lá vem você com essa ladainha: monsenhor, o padre Landell fez isso, disse aquilo. Eu não quero saber de padre Landell, que bom padre ele é. Imagine você que ele disse à minha afilhada que religião se faz em casa. Um padre! Qual é a função dele, então? Se pensa assim, que largue a batina e abrace de uma vez essas teorias condenadas. Os fiéis dizem que ele tem pacto com o demônio, o que, mesmo não sendo verdade, atrapalha a nossa imagem. Ou essa é a igreja do Diabo?

Tantas pessoas importantes da sociedade que merecem a mais alta consideração e cadê o Landell? Brincando de catequese com mulheres perdidas. Vê lá se fica bem, um padre entre... entre... você sabe.

Outra coisa é que ele não gosta do arcebispo – ele não gosta de ninguém! Ele não sabe se relacionar, e só obedece a si, não me escuta. Eu o censurei três vezes. Ele faz das suas e sou eu que tenho de me entender depois com os alemães, eles ficaram magoados.

Se isso não bastasse, desandou a implicar com Nossa Senhora do Brasil. Em nome de quem? De Aparecida. Ele atacou a minha devoção, a devoção da maioria dos fiéis, uma devoção permitida. Pensa que sabe mais que o Santo Padre, esse Landell. Se ele fosse o papa, a igreja já teria acabado.

43 'Primeira' transmissão

Landell passa os olhos no jornal do dia 8 de setembro de 1922. Primeira transmissão oficial de rádio, na inauguração da Exposição do centenário da independência. Pronunciamento do presidente, ópera O guarani, oitenta receptores importados, blá, blá, blá.

Amassa o jornal e o atira ao chão. Fuma um cigarro Veado após outro. Não sente apetite neste dia. A faxineira adverte que ele emagreceu muito. Tosse seca, a escarradeira sempre à mão. Lembra daquele outro dia em São Paulo, pula um sorriso no canto da boca.

– Vânia, espere um pouco. Sente-se aqui. Você é mãe de um belo rapaz. Se dissessem nos jornais que a verdadeira mãe de seu filho é outra mulher, o que você faria?

– Nada.

– Mas por quê?

– Eu sou a mãe do Luiz. Ainda que ninguém mais saiba, eu saberei a verdade.

Landell a encarou com atenção. Escarrou, tragou o cigarro.

– Você é uma boa mãe.

44 Celeste vai casar

Um ano após desaparecer das ruas, Celeste visita novamente o padre Landell, quase ao final do horário para confissões. Um pouco mais gorda, os cabelos cortados, a manta que recobre a nuca, ela anunciou ao padre que pretendia se casar com um comerciante de Palmeira das Missões que se tomara de amores por ela, sem saber de seu passado. Ela havia voltado para a casa da irmã, em Palmeira das Missões, e ajudava na venda da família.

Um certo dia, entra um belo rapaz que reclama das salsichas, entrando em altercação com o marido de sua irmã. Celeste interveio, dizendo que um homem de botas tão sujas e modos tão maus deveria ter vindo do próprio inferno. O comerciante saiu dizendo que o diabo tinha medo daquela mulher. Por seis dias Celeste lamentou a rudeza daquele homem vil. No sétimo dia, recebeu uma coroa de flores daquele homem, que de pronto jogou ao lixo.

Todas as quartas-feiras fixou-se o estranho ritual: ele mandava flores e Celeste corria até a frente do mercado para jogá-las ao chão. Até que houve uma quarta-feira na qual Celeste esqueceu de descartar as flores, e um homem com casaca cinza e gravata entra gentilmente no recinto. Seus gestos encantadores enfeitiçaram Celeste, que orbitava sobre o perfume de alfazema do homem. Assim que se viram a sós, ele pediu perdão pelo incidente daquele encontro, garantindo intenções muito sérias. Só então Celeste reconheceu o selvagem da salsicha. Mas, acresceu ao padre, todos merecem uma segunda chance.

Ele vinha todas as semanas, pediu-a em casamento e sempre comprava salsichas. A intenção de Celeste era aceitar, queria morar com ele, mas pedia a opinião do padre.

– Case, filha. Mas lembre: o matrimônio só pode ocorrer entre pessoas que se amam verdadeiramente. O erro dos amantes é buscar no matrimônio a felicidade absoluta. Esta só pode ser encontrada em Deus.

Celeste deitou os grandes olhos negros no padre, olhos ferozes mas obedientes.

– É a vontade de Deus crescer e multiplicar, tarefa que executo com grande prazer.

– O amor verdadeiro não cogita no sexo pelo sexo, embora atraído por ele. Lembre-se de agradecer a Deus.

– Ele está no meio de nós.

45 A besta e o anjo

O Café Nacional era a proa onde se reuniam os náufragos da Rua da Praia. Ancorado no café, Landell apreciava o desfile de costumes que tinha bem diante de si, e que seria a base de seu sermão dominical. Ficaria para depois: sua atenção foi desviada para o debate inesperado daquela manhã. O dono do café, Sebastião Boa-Morte, discutia com o cônsul da Alemanha sobre os crimes da Rua do Arvoredo. Landell contou que havia encomendado a alma de Catarina Paulse, mulher do famigerado José Ramos.

Sebastião queria saber se era Ramos ou Rams, a imprensa sempre escrevia o nome em alemão. O Cônsul insistia: Ramos era brasileiro de origem portuguesa. Mudaram o nome para culpar os alemães. Mas não falavam nas vítimas alemãs desses crimes. Ele matou outras pessoas, mas só desconfiaram após a morte de Januário. Encontraram três mortos na casa, enquanto os outros...

– Viraram linguíça. Ele matava as pessoas e fazia linguíça, que vendia mais barato para os doutores. Naquele tempo era como agora, havia poucos linguiceiros. – diz Sebastião.

– Isso de carne humana nunca foi provado. São velhas histórias do povo. – disse Landell.

– As histórias do povo têm um fundo de verdade. A mim tais fatos não causam surpresa. Dentro de cada homem há uma besta, e no caso de Ramos a besta despertou.

– O homem é feito à imagem do criador. Somos diferentes dos animais porque temos a razão. Ou você já viu um macaco fazendo telescópios e automóveis?

– Se esse Ramos é humano, não somos tão diferentes das feras. Ele não praticou canibalismo por necessidade, e sim por prazer. As piores feras só matam para comer. – disse o Cônsul.

– Tais fatos são lamentáveis e vão cair no esquecimento. Mas o progresso espiritual da humanidade é inevitável, porque é essa a vontade de Deus. – disse Landell.

– Nada vai mudar tão cedo. O homem era, é e será o lobo do homem.

46 Vallumbrosius

Caro Botet,

Estou relendo a inestimável biografia de Galileu por esses dias, quando a enfermidade me sentenciou à reclusão e liberta o que há de melhor em mim.

Ocorre que Galileu passou alguns meses em Vallombrosa, em cuja abadia recebeu lições... Você, Botet, deve saber que a *umbrosa vallis* é um nome forte. Todos vivemos em um vale de sombras, que escurece a verdade do conhecimento.

Em resposta à sua pergunta... Sim, as ideias de Vallumbrosius são similares às minhas pelo fato de que somos a mesma e simples pessoa.

Há momentos em que vivencio eu mesmo o vale sombrio da incompreensão, o vale sombrio da indiferença. Nesses momentos, penso em tudo abandonar, mas tenho dois motivos para não fazê-lo. Primeiro, sou um veículo de Deus a realizar Sua vontade. Segundo, por isso mesmo me interessa pouco o que pensam de mim. Só presto contas a Ele.

Para me preservar da censura de meus superiores, recorri a esse ardil. O futuro me absolverá, de todo modo não é mentira o que fiz – foi a forma de dizer a verdade e preservar o autor. Se essa é a vontade de Deus, que importa o nome? Importa que seja feito.

Agradeço a sua amizade e suas palavras gentis.

Roberto (Bernardus)

47 Despedida

Da janela lateral da igreja, vemos um velho frágil subir ao púlpito. Com olheiras fundas, o passo incerto, tossia muito. Suas mãos suadas tremiam ao virar a página, mas a voz era ainda firme. Foi promovido a monsenhor, não parecia se importar pouco nem muito.

Ainda mais magro, respira com dificuldade. Precisa ser amparado ao subir. Um ajudante estava sentado a metro e meio do monsenhor. É voz e sombra do grande orador de outros tempos. Gagueja, esquece algo, retoma o ponto, a fala entrecortada. Põe a mão no rosto, desfaz-se em tosse. Ensaia o voo da oratória, mas a asa falha. Sabe que a idade e a doença não lhe darão outra chance. Ergue os ombros, os braços, os olhos.

Para, velho, tudo já foi dito.

Apona para a imagem de Aparecida. Esquece a dor, fala como nos velhos tempos. Sente uma tontura, apoia-se no púlpito, é socorrido pelo ajudante. Então chora. Um silêncio compaixonado se espalha pela igreja, tensionando as mulheres do coro, que choram também.

Pede ao ajudante que encerre a missa. Arrepende-se, entrega algumas hóstias. Todos se demoram na missa que sabem a última. Domina a dor, o cansaço, olha sem interesse as pessoas. Nunca mais.

Não lutou quando a encontrou, dias depois, na Beneficência Portuguesa.

Epílogo

No jardim de seu sonho, ele colhe uma flor em Urano, e ajeita os anéis de Saturno. Faz a rotação de Júpiter em um segundo. Está cada vez mais próximo.

Sobe a escada de planetas, os sons são mais vivos e fortes ali. A luz o circunda numa sensação úmida, uterina. As estrelas ganham asas e rostos.

Ajoelha-se diante do Homem. Este o ergue sem tocá-lo, e fala sem palavras. À sua frente, todos os nomes do Amor.

Landell estende seus braços. Ele e o Homem são uno. Landell agora é.

Procurando Landell

“A alma é divina e a obra é imperfeita” (Fernando Pessoa)

Este capítulo teórico complementa a novela *O Livro das Sombras*. O objetivo não é escrever uma nova obra, independente da anterior, e sim com ela compor uma relação de unidade. Pretendo expor as bases teóricas, detalhando a influência de autores das áreas da Filosofia e da Psicologia: se o estudo em curso principia pela Teoria Literária, é consenso que comporta o diálogo com outras áreas do saber, até mesmo para promover a necessária e inadiável religação dos saberes.

Assim, pretendo explicitar a proposta estética da obra, refazendo o percurso teórico da criação. Os principais aspectos da elaboração do texto estão presentes aqui. Se a literatura proporciona um conhecimento sutil do mundo, como quer Gardner, acresço que este conhecimento segue um método próprio de trabalho. Sobre ser sutil, assinalo que é a grande dificuldade para o escritor reunir em um mesmo campo clareza e sutileza. Contudo, é essa a arte da palavra.

Uma das funções da literatura é o registro da memória social. A presente novela preenche uma lacuna na literatura sul-riograndense, destacando-se como a primeira narrativa ficcional que aborda a excepcional história do padre-cientista Roberto Landell de Moura.

A primeira questão tratada é a relação entre criatividade e encontro. É destacado o papel da linguagem na promoção do encontro. Por sua vez, a criatividade é vista como o elo que permite o desenvolvimento pleno da personalidade.

A seguir, trato da personagem literária. Parto da concepção de personagem de Bakhtin, que relaciona esta ao narrador. Destaco a valorização da hagiografia para o presente estudo, além da construção clássica da personagem.

O tópico seguinte trata dos intertextos na concepção da obra. Procuro evidenciar o diálogo intertextual da presente novela com obras clássicas da literatura universal e com obras de ficção contemporânea. *O Livro das Sombras* segue uma tendência literária presente em obras tão distantes no tempo como *Pantagruel* e *Seda*.

A seguir, trato da relação específica existente entre Landell e a criatividade. Faço um resumo biográfico de Landell, mostro as semelhanças entre este e Dédalo, remonto à evolução

cultural da humanidade e apresento os conceitos de *chronos* e *kairós*, vinculando este último ao encontro.

Por fim, na seção *Escrevendo o Livro das Sombras*, trato das questões pertinentes ao contexto imediato da obra. Mostro como operam os símbolos na produção de sentidos, destacando o símbolo da sombra, que está presente inclusive no título da obra. Apresento a alegoria da caverna, de Platão, como uma analogia perfeita do contexto histórico e social vivido pela personagem. Em *Vallumbrosius*, faço um panorama das pesquisas biográficas já realizadas sobre Landell de Moura, acrescentando uma descoberta pessoal que vincula o padre a Galileu. Mostro como Landell realizou em vida a jornada do herói, tal como a entende Campbell. A seguir, trato da construção do sonho ficcional na obra. Em *O pão, o trigo e a escrita criativa*, realizo uma avaliação sumária das dificuldades encontradas para a elaboração desta obra, salientando que todos os problemas foram superados.

Criatividade e encontro

A concepção de linguagem adotada nesta narrativa não é a de um meio para comunicar algo: a função da linguagem é promover o encontro. A linguagem que promove o encontro é criativa.

Criatividade e encontro são conceitos indissociáveis portanto do conceito de linguagem. Recorro às contribuições de Rollo May e Alfonso López Quintás para definir estas noções fundamentais para a criação dessa novela.

May (1997) afirma que criatividade, para além de suas pseudoformas, é o processo de criar algo novo. É a manifestação básica de um homem realizando o seu eu no mundo. As pessoas criativas alargam as fronteiras da experiência humana.

Analisando o que acontece com o indivíduo no ato de criar, May destaca a natureza do encontro. A criatividade ocorre precisamente em um ato de encontro, sendo este seu centro. Ele define a arte criativa como sendo o encontro entre dois pólos: o subjetivo (indivíduo) e o objetivo (mundo ou realidade).

Para May, a coragem criativa é a descoberta de novas formas e símbolos segundo os quais uma sociedade é construída. Embora esteja presente em todas as profissões em maior ou menor grau, são os artistas quem apresentam estas formas. Ao apreciarmos um trabalho criativo, também estamos criando, no momento em que a obra de arte desperta em nós uma nova visão.

O autor critica o uso da palavra mito significando inverdade, corrente nos dias atuais. Segundo ele, mito é a representação dramática da sabedoria moral da raça. O mito não remete apenas ao intelecto, mas à totalidade dos sentidos. Ele considera o mito de Prometeu o símbolo do processo criativo: o artista, exausto, pensa em desistir e iniciar algo novo, mas “o fígado volta a crescer” durante a noite.

O artista, e ainda o cientista, não sente felicidade ou prazer ao criar: sente regozijo. Este não é uma gratificação ou satisfação: é “a emoção que acompanha o mais alto grau de consciência, o estado de espírito que nasce da experiência de realizar as suas potencialidades.”

O autor ressalta a necessidade de um alto nível de consciência e a intensidade da percepção como características da criatividade autêntica. A intensidade de consciência no ato criativo é definida por ele como êxtase. May recupera a etimologia da palavra, *ex stasis*, ou seja, “ficar fora de”. A consequência dessa atitude é a libertação da dicotomia entre sujeito e objeto. O êxtase envolve a totalidade do indivíduo, onde o consciente e o inconsciente agem em consonância. Para isso concorrem os símbolos e os mitos. Estes são as formas vivas e imediatas que emergem do encontro. Mitos e símbolos relacionam a experiência atual do indivíduo à história da humanidade.

Para Quintás, a linguagem é veículo do encontro. Mais do que comunicar realidades complexas, é ela o meio pelo qual podem ser criados ou destruídos vínculos interpessoais. Quando dita com amor, a linguagem “instaura um campo de convivência, de intercâmbio criador, de encontro.” De modo análogo, quando dita com ódio impossibilita o encontro.

O autor recorre à ciência para afirmar que o homem é um ser de encontro. Em função disso, a linguagem autêntica é aquela que o promove. O desenvolvimento verdadeiro da personalidade ocorre mediante o exercício da criatividade. Essa criatividade é dual: “se dá no encontro do homem com as realidades circundantes que lhe oferecem uma série de possibilidades.”

A linguagem não é um objeto pronto para ser utilizado como um meio para comunicar: é uma realidade viva que pede que nos relacionemos com ela de modo criador, fazendo jogo. Dessa maneira, torna-se fonte de sentido.

Citando uma frase de Goethe (*Em todos os cumes há repouso*), o autor entende que tais palavras criam um campo de iluminação dos momentos-cume da existência. Estas palavras não são um simples meio para dizer algo, são o lugar vivente no qual se ilumina um sentido. Esta é a diferença, abissal, entre ser *meio para* e ser *meio em*.

Quando pensamos e falamos de forma rotineira, repetindo clichês, a linguagem torna-se inexpressiva. Se nossos pensamento e expressão se tornam criadores, nossa linguagem aumenta sua capacidade de iluminar campos novos. A experiência de leitura de um grande escritor ou filósofo evidencia que, ainda que suas palavras possam ser comuns, a trama formada nos eleva a mundos inéditos, densos de conteúdo, revelando paisagens desconhecidas de verdade e beleza.

Para compreender o encontro, é preciso ver conjuntamente vários aspectos relacionados, através de uma descrição em espiral. Tal é a visão sinótica, que busca captar o sentido mais profundo e o alcance integral de cada tema. Só se pode compreender um assunto quando se põe a descoberto sua conexão com os outros. Nesse sentido, definir linguagem sem relacioná-la a outros conceitos é esforço vão; quando em relação, ela adquire um sentido novo, mais amplo. Assim, falar não é mais comunicar algo, e sim “dar corpo expressivo a realidades que são fruto de uma confluência ativa de seres que se influem mutuamente.” O encontro é essa confluência.

A personagem literária

Para Bakhtin, a autobiografia é uma auto-objetivação. Porém, o autor é elemento do todo artístico e não pode coincidir com um elemento seu, a personagem. Na autobiografia, o autor está próximo do herói: ambos podem trocar de lugar.

Não existe diferença de princípio entre a biografia e a autobiografia, ambas são objetivações. Existem dois tipos básicos de consciência biográfica: o aventureco-heróico e o social-de-costumes.

Por sua vez, a biografia é o valor artístico menos transgressor para a autoconsciência. Como autor e personagem podem trocar de lugar, é possível a coincidência pessoal entre personagem e autor. Com efeito, os valores biográficos são comuns na vida e na arte.

O herói da biografia é portador de uma vida histórica notável e determinada, plena e rica. A forma biográfica é mais realista, nela transparecem menos as modalidades de acabamento, a atividade transfiguradora do autor. O herói biográfico apresenta três vontades: a vontade de ser herói, a vontade de ser amado e a vontade de viver o acontecer romanesco.

Bakhtin assinala a relação do sujeito com o mundo como sendo de pertencimento do sujeito: não sou eu mas o outro quem me guia. Não é o mundo dos outros em mim, mas sou eu no mundo dos outros. É assim que o narrador se torna personagem. Eles são dois, ou seja,

são o encontro de duas consciências em acordo. O desígnio da biografia visa a um leitor íntimo, que ocupa a posição de autor.

O autor define caráter como a forma de correlação entre o autor e a personagem, desde o início vista como um todo. Tudo se resume a responder *quem é ela*. É a realização do todo do herói concebido como pessoa determinada. Sua construção segue duas tendências: a clássica e a romântica. Neste trabalho, o foco está na construção clássica.

A construção clássica está ligada ao destino. O destino é a forma de ordenamento. Desde o início, contemplamos a personagem clássica no passado, onde não pode haver descoberta nem revelação.

A culpa trágica é imanente ao destino do herói: pode ser transposta para fora do âmbito da consciência e do conhecimento do herói. A personagem apenas cumpre a necessidade de seu destino, ou seja, determina sua própria face na existência. Cada aspecto de sua vida torna-se artisticamente necessário. O destino é transcendente à autoconsciência. É um valor básico que regula, ordena e reduz à unidade tudo que é transcendente ao herói. A própria morte do herói não seria um final, e sim um acabamento.

Em relação ao Livro das Sombras, a personagem Landell segue a tendência clássica. Landell busca o ideal e paga o preço por isso, conformando-se ao destino. Sua morte é um acabamento para os homens no capítulo Despedida, e um renascimento em Epílogo.

Outro elemento abordado é o tipo. Este é a posição passiva de um indivíduo coletivo, que está entrelaçado com o mundo que o rodeia, sendo condicionado por esse mundo. Ele é o elemento necessário de um dado ambiente. No Livro das Sombras, personagens como Reinaldo e Celeste são tipos, assinalando comportamentos de época e lugar.

O tipo pressupõe a superioridade do autor sobre a personagem, ou seja, o autor pode ser crítico. Por outro lado, é ele quem torna a história convincente para o leitor, sendo bem mais relevante para a obra do que usualmente se reconhece. No caso presente, são eles que mostram a reação social ao modo de ser de Landell.

A personagem é importante como portadora de uma vida determinada, historicamente significativa. É essa vida que ocupa o centro da visão e não o todo da personagem. Em outras palavras, a personagem não vale por si, mas pelo que faz.

Um aspecto que adquiriu crescente importância neste trabalho foi a hagiografia, o estudo da vida de santos. Ressalte-se que a vida de um santo é uma vida significativa *em Deus*. A forma é convencional, e a autoridade é indiscutível. Nessa modalidade, deve-se excluir tudo que é típico de uma época. As indicações de tempo e espaço na narração

diminuem a autoridade. Para o crente, a vida do santo transcorre na eternidade.

Em relação à personagem Landell, sua busca por Deus faz com que viva de modo asceta, semelhante ao dos santos. No episódio *Três curas?*, fiz uma incursão ao mundo dos santos, apresentando três possíveis milagres para o personagem. Contudo, avaliar uma suposta santidade não era o objetivo de minha obra, e por questões de finalidade era bastante lançar a dúvida.

A relação entre personagem e autor é a questão principal para Bakhtin. Em *Estética da criação verbal*, ele opta claramente pelo autor. Personagem e autor são dois, mas sem oposição. Os dois podem trocar de lugar. Há o encontro de duas consciências, mas ambas em acordo, seus universos axiológicos quase coincidem. Só o que a personagem viu e quis em si e para si o autor vê e quer.

O autor não é artista puro, assim como a personagem não é sujeito ético puro. Aquilo em que a personagem acredita o autor também acredita como artista. Essa luta e esse encontro são assim definidos por Bakhtin (1992:200): “O autor e a personagem lutam entre si, ora se aproximando, ora se separando bruscamente; mas a plenitude do acabamento da obra pressupõe uma discrepância aguda e a vitória do autor”.

Se é o autor quem organiza a obra, deve ele prevalecer sobre a personagem. Não se fala em polifonia neste texto. Esta posição do autor é coerente com sua preferência pela construção clássica e com a valorização do tipo.

Para Carlos Reis (1994:315), o conceito de personagem foi subestimado pelo estruturalismo. A Narratologia aprofunda o tema e entende a personagem como signo. É suficiente que a personagem tenha verossimilhança interna. A intertextualidade permite falar em um léxico de personagens. As características da personagem são políticas, sociais, culturais. Por fim, a personagem tem uma relação polifônica com o narrador.

Os conceitos relevantes para esta obra são os de autor, personagem, tipo, ponto de vista e focalização. Estes conceitos auxiliaram na compreensão da teoria de Bakhtin.

Autor – é o escritor que trabalha a sua palavra. Oposto a escrevente, para quem a linguagem é um meio. O autor está ligado ao mundo real, enquanto a personagem vive no mundo possível. A esse respeito, Reis afirma que “entre o autor e as entidades representadas na narrativa existe uma diferença ontológica irreversível”.

Personagem – não raro, o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a economia da narrativa. É um signo, uma unidade discreta. Define-se pelo que é e faz. Sua semântica compreende o nome próprio, a caracterização e o discurso.

Tipo – conceito próximo do de personagem plana. Personagem-síntese entre o individual e o coletivo, entre o concreto e o abstrato, com o intuito de ilustrar certas dominantes relacionadas ao mundo real. Pode ser social ou psicológico. Personagem pré-construída e previsível, também é componente do espaço.

Ponto de vista – a polifonia romanesca recusa o ponto de vista único e adota vários pontos de vista. Diferentes mundos, pontos de vista e consciências se associam.

Focalização – representação da informação diegética que se encontra ao alcance de um determinado campo de consciência.

Para entender a concepção de personagem, é imperioso falar de Antonio Candido. O autor afirma que, ao contrário da nossa compreensão dos seres vivos, a personagem é vista como um todo coeso. Por essa razão, Candido considera que a personagem é mais lógica que o indivíduo, não mais simples. Penso que não, a personagem é mais simples. Ou os seres vivos não têm nenhuma lógica, ou eles têm uma lógica muito mais complexa que nos escapa. Mesmo as personagens complexas se articulam a partir de duas ou três características, enquanto as variantes de uma pessoa são várias e móveis, mudam com o tempo e a experiência. Outro ponto a favor da maior complexidade do ser vivo é a sua impossibilidade de controle, enquanto a personagem pertence ao autor.

Em todas as épocas, as personagens são tratadas de dois modos dentro do romance: como seres íntegros, delimitados por certos traços; como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos. A partir do século XVIII, acentuou-se uma mudança no romance: de enredo complicado com personagem simples a enredo simples com personagem complicado.

Já no século XVII se diferenciavam os personagens de costumes e os de natureza. A personagem de costumes é apresentada por meio de traços distintivos fortemente marcados, é vista de fora. Por sua vez, a personagem de natureza é apresentada por meio de traços superficiais e pelo modo íntimo de ser, sem regularidade. Enquanto o romancista de costumes via o homem pelo seu comportamento social, o romancista 'de natureza' vê o homem na sua existência profunda, que não se explica pelas relações sociais.

A atualização desses conceitos nos leva a personagens redondas e planas. As personagens planas são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade. As personagens redondas são mais complexas, têm “três, e não duas dimensões”, são capazes de surpreender de maneira convincente. Se a personagem não convence, é plana.

Uma das funções básicas da ficção é dar um conhecimento mais completo e coerente do que o conhecimento decepcionante e fragmentário que temos dos seres. Em última análise, apenas a arte traz a possibilidade de certeza interior. Assim, define-se a função básica do romancista: estabelecer e ilustrar o jogo das causas, descendo a profundidades reveladoras do espírito.

A ambiguidade das personagens está no fato de que não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas. O romancista é incapaz de reproduzir a vida. Se quiser ser igual à realidade, será um fracasso. Essa questão é particularmente importante para este trabalho, no qual uma pessoa, o padre Roberto Landell de Moura – que tinha pai e mãe, que tinha RG – motiva a criação da personagem Landell, que é um ser ficcional, uma tentativa de outro ser real – chamado Rafael Peruzzo Jardim, que tem CPF e RG – de interpretar o padre Landell, e mais, de torná-lo compreensível aos demais. É uma criação baseada em pesquisas, algumas opiniões expressas coincidem com as do padre, mas é suficiente que pareça real, que tenha defeitos para gerar identificação e pareça mais humano, ainda que alguns defeitos sejam inventados. Pouco importa ao leitor o que é inspirado no pensamento da pessoa e o que é inventado, importa que tenha coerência interna dentro de uma história verossímil. A personagem é construída a partir de coincidências e não-coincidências com o real. A personagem é um ser ficcional, portanto falar em cópia do real seria a negação do romance. Personagem nenhuma tem certidão de nascimento.

O autor adota uma classificação com sete tipos de personagem. Nem todos interessam aqui. Neste estudo, destaco três:

2) personagens transpostas de modelos anteriores, que o escritor reconstitui indiretamente, por documentação ou testemunho, sobre os quais a imaginação trabalha.

4) personagens construídas em torno de um modelo, direta ou indiretamente conhecido, mas que apenas é um pretexto básico, um estimulante para o trabalho de caracterização.

7) personagens sem um modelo consciente. Obedecem a uma certa concepção de homem, são arquétipos, mais interiores que exteriores. Certas personagens de Dostoiévski encarnam um ideal de homem puro, refratário ao mal, um ideal ligado a Cristo.

Landell encarna o ideal de homem puro do tipo 7, mas acrescido ao ideal iluminista. Desse modo, representa uma tentativa (frustrada) de união entre fé e ciência.

O tipo 2 é o dominante na obra. Pesquisei biografias de Landell, sua cronologia pessoal, seus escritos e cadernos pessoais, e procurei construir uma personagem bastante

próxima daquela personagem que é retratada. Digo personagem porque o Landell das biografias, e mesmo o de seus escritos, é uma construção verbal dos respectivos autores, geralmente exaltando-o. Mesmo assim, os documentos foram apenas o ponto de partida: alguns episódios foram completamente inventados, outros aconteceram em linhas gerais como no livro, mas com todas as circunstâncias inventadas, enquanto o relato do exorcismo foi, em termos de enredo, bastante próximo do minucioso relato feito pelo padre Landell.

Em relação ao tipo 4, não posso afirmar que Landell seja um pretexto. Contudo, é fato que acresci elementos, mencionados e não mencionados, nas biografias, que para mim compõem o sumo da personagem:

- a religiosidade 'ardente', que condiciona tudo que ele é e faz, chegando a fazê-lo mudar seus hábitos;
- a relação com a ciência, que se expressa na admiração que nutria por Arquimedes e Galileu, mas pouca atenção recebeu nas biografias já feitas;
- a relação com a mitologia, especialmente com o mito de Dédalo, que não é mencionada nas biografias, sendo uma construção ficcional.

Mesmo a relação entre o pseudônimo de Landell, chamado Vallumbrosius, e o cientista Galileu Galilei, que estudou na abadia de Vallombrosa, não foi citada nas biografias, sendo uma contribuição inédita minha para seus biógrafos, ao mesmo tempo que me permitiu caracterizar o personagem como um herdeiro direto de Galileu.

Os intertextos na concepção da obra

Uma obra literária não nasce a partir do nada. Desde a gênese, ela é influenciada por outras obras, com quem dialoga numa relação fecunda. No caso d'O livro das sombras, essa relação ocorre em diversos níveis: no plano das ideias apresentadas, no plano da organização do texto e na tipologia textual empregada.

Influência é uma palavra malvista em nossos tempos, quase uma ofensa. No entanto, ser influenciado por grandes escritores seria uma benção. Isso acontece quando encontramos obras com que estabelecemos relações ambíguas. O leitor envolvido com a obra está numa relação de encontro, ele vivencia o momento oportuno (kairós). A partir desse momento, o leitor descobre na relação com a obra quais são seus valores, quem ele é ou pretende ser, e dessa identificação a experiência da leitura se converte em experiência de mundo. Isso é o que se espera de uma obra de arte. Bem-aventurado o escritor que, vencendo os obstáculos,

permite ao leitor esse momento de encontro. Meu propósito é alcançar este ideal, e oferecer ao leitor momentos como os que vivenciei no ato de ler. Enquanto isso não acontece, sigo os passos de escritores que sabem proporcionar momentos de encontro.

De modo resumido, apresento as relações entre o Livro das Sombras e obras com as quais eu desenvolvi relações de âmbito. O âmbito é desenvolvido pelos vínculos criados entre a pessoa e uma infinidade de realidades, formando um grande campo de jogo. A elevação de objetos a âmbitos é o que possibilita o encontro.

O primeiro modelo para a obra foi *Infância*, de Graciliano Ramos. Relato memorialístico, em capítulos curtos e independentes, mostra um autor no auge do processo criativo. É um texto muito irônico, com o conhecido estilo conciso do autor, e apresenta imagens poderosas: a narrativa da mulher morta num incêndio é inesquecível.

Da obra de Rabelais, *Pantagruel* narra as corajosas aventuras de um gigante excepcionalmente forte e glutão. A narrativa é feita de capítulos curtos, que seguem cronologicamente a travessia do personagem-título. Chamou-me a atenção esta estrutura tanto e quanto que era a estrutura que eu tinha em mente enquanto escrevia. Como eu tratava do sublime, e não do cômico ou do grotesco, não poderia utilizar a linguagem sarcástica nem as referências ao baixo corporal: o intertexto com *Pantagruel* não é temático.

Uma leitura sugerida por meu orientador foi *Seda*, de Alessandro Baricco. Só a li depois da entrega deste trabalho. É uma obra de arte no sentido mais alto do termo: uma linguagem surpreendente, assemelhada da poesia, com digressões calculadas e repetições intencionais. Guardadas as proporções de realização artística, as propostas de *Seda* e do Livro das Sombras são sim parecidas. É o mesmo modo de narrar, a mesma visão de mundo – como se o meu livro fosse baseado no dele. Credito isso ao espírito do tempo. A diferença básica está no fato de que Baricco não se preocupa tanto com o enredo quanto com seus belos jogos de palavras, enquanto eu tenho uma extensa história para contar.

Obra fundamental de Donald Schüller, *O tatu* sempre me interessou pela sua original estrutura. Ele a classificava como romance, na qual cada capítulo poderia ser lido separadamente, sendo uma unidade de sentido, formando com os demais capítulos uma unidade maior. Quanto ao meu trabalho, as seções Nova Iorque e Exorcismo são claramente unidades independentes dentro do texto.

Para compor a personagem, era inevitável a referência ao texto bíblico. Em função das necessidades da obra, selecionei o Livro de Jó e o Êxodo. No primeiro, me interessa a discussão da existência de Deus e a explicação do porquê acontecerem coisas ruins a pessoas

boas. Do segundo, destaco o relato da sarça ardente, o encontro face a face com a divindade, que permeia a obra.

Merece especial consideração o *Paraíso*, de Dante. Os leitores geralmente leem apenas o *Inferno* – fato compreensível, pois se interessam apenas para o lugar ao qual irão. De toda maneira, o Paraíso é a parte da obra que mostra a elevação espiritual de Dante, a superação da angústia da selva escura em que se encontrava. Essa era a mensagem que eu queria deixar a respeito de Landell, em contraponto à sua história de triste abandono.

Landell e a criatividade

Resumo biográfico

Roberto Landell de Moura nasceu em Porto Alegre, em 21 de janeiro de 1861, e faleceu na mesma cidade, em 1928. Em 1877, construiu um telefone, apenas um ano depois de Graham Bell. De 1878 a 1886, estudou em Roma, tendo desenvolvido lá a teoria da unidade das forças físicas. Em 1886, foi ordenado sacerdote. Em 1893, efetivou experiências de transmissão e recepção sem fio da palavra falada, em ondas eletromagnéticas e luminosas. Teve negado um pedido à igreja para experiências. De 1894 a 1896, consolida seus estudos em Campinas. Em 1900, empreende a primeira transmissão da palavra à distância, em São Paulo, experimento que não alcançou nenhuma repercussão. Em 1902, é considerado o inventor do telefone sem fio. Em 1904, obtém três patentes nos Estados Unidos: o Transmissor de Ondas, o Telefone sem fio e o Telégrafo sem Fio. Em 1905, requisita dois navios ao governo brasileiro, tendo seu pedido negado. É forçado a permanecer no Brasil e a abandonar os estudos. Em 1906, realiza um exorcismo. Descobre a bioeletrografia. Em 1908, realiza experiências públicas a respeito de hipnotismo e espiritismo. Em 1914, torna-se catedrático de Filosofia. Em 1916, montou um gabinete de antropologia experimental para o estudo do hipnotismo e do espiritismo. Em 1919, é advertido pela terceira vez pelo Vigário Geral, acerca do conteúdo de suas prédicas. Em 1922, publica sob o pseudônimo Bernardus Vallumbrosius. Indagado, nega a autoria. Em 1924, concede uma entrevista ao jornal Última Hora. Em 1927, doente, prega pela última vez a Nossa Senhora e chora. Em 1928, morre de tuberculose.

Landell e Dédalo

Dédalo é o inventor por antonomásia. Lendário inventor grego, são atribuídos a ele a vaca para Pasifae, o labirinto do Minotauro, o fio de Ariadne, um autômato de bronze, um estrado para coros de dançarinos, entre outros. Quando Teseu matou o Minotauro, foi aprisionado no labirinto. Fugiu com o auxílio de asas que fabricou, ocasião em que perdeu seu filho, Ícaro. Ardiloso, Minos formulou um enigma para encontrá-lo, pois sabia que apenas Dédalo poderia decifrá-lo: como passar um fio de linho sobre a concha de um caracol. Dédalo resolveu o problema usando uma formiga. A ele se atribuem todos os aperfeiçoamentos da arquitetura e da escultura da Grécia arcaica. Teria aberto os olhos e separado as pernas das estátuas, para sugerir-lhes a ideia de movimento.

Dédalo simboliza a engenhosidade. É o tecnocrata, a inteligência prática, o artista universal que se manifesta como arquiteto, escultor, inventor de meios mecânicos. Sua inteligência prática e engenhosidade o aproximam de Landell. Considero Landell a reedição do mito de Dédalo em solo brasileiro. No plano simbólico, o padre é a atualização do mito.

Dédalo criou asas, Landell as deu a todos os homens, no momento em que transmitiu a voz. Dédalo criou o labirinto, Landell metaforicamente o atravessou diversas vezes para registrar seus inventos. Dédalo foi perseguido em função de seus inventos, Landell também. Dédalo era o gênio universal, reunindo em uma pessoa as habilidades do sábio, do engenheiro e do operário, assim como Landell. Outras aproximações seriam possíveis. Entendo Landell como a atualização do mito de Dédalo, com a decorrente ambientação em nosso meio social.

Cabe expor o raciocínio que justifica a identificação feita por mim entre Landell e Dédalo. Em primeiro lugar, a personagem Landell obedece ao kairós, o tempo divino, e despreza o chronos, o tempo humano. Por essa razão, quase não há referências temporais na obra. Em segundo lugar, ele desdenha as instituições, inclusive a religiosa, da qual faz parte. Em terceiro lugar, ele age como técnico e como artista, está comprometido com a verdade de sua arte, e desconhece ou ignora a verdade de seu tempo. Digo isso porque até a verdade pertence ao tempo. Assim, Newton expressava a verdade na Física, mas hoje essa verdade é expressa por Einstein. Seguramente outro virá, talvez em menos tempo que os dois mil anos entre Arquimedes e Newton, e Einstein deixará de representar a verdade.

(No fundo, sinto inveja das ciências exatas, as humanas são mais sujeitas à fraude e ao equívoco, podendo se perder nos labirintos do discurso. Se um analista de sistemas produz um software que não funciona, ele terá de refazê-lo até que funcione. Se um ensaísta ou artista

escreve um texto que não funciona, é possível que ele adote um discurso verborrágico e repetitivo, até que por teimosia pareça ter sentido. O caso Sokal está bem vivo em minha mente. Mas isso é outra história, não é mesmo? E está entre parênteses)

Cultura e humanidade

Não é de hoje que a literatura tem uma função de memória social. Estudos recentes revelam que esta função é desempenhada mesmo antes da escrita.

Ernildo Stein trata do *grande salto para a frente*, ocorrido há 40 ou 50 mil anos, no qual o *homo sapiens sapiens* deixou de evoluir biologicamente e passou a evoluir culturalmente.

Um registro desse salto evolutivo está fixado há 17 mil anos nas pinturas da caverna de Lascaux. Certamente aqueles humanos contavam histórias, dançavam, pintavam. Eles já estariam biologicamente aptos a pilotar aviões, se estes existissem. Nessa época, os humanos adquiriram um léxico, uma sintaxe e uma semântica. Eles fizeram mais: adquiriram uma memória mimética, que os habilitou a realizar construções coletivas de incidentes passados. Essa habilidade possibilitou a linguagem humana como hoje a conhecemos, dessa forma nos tornando humanos e redefinindo o padrão de humanidade.

Nas palavras do autor (2009:153):

estamos nos referindo provavelmente a 40 ou 50 mil anos atrás, quando o *homo sapiens sapiens* passou a utilizar a linguagem como um conjunto de sinais com os quais conseguia simbolizar estados pessoais, acontecimentos e objetos. Referindo-nos a isso, estamos descrevendo o estágio indepassável a que chegaram os representantes que evoluíram desde os *australopithecus*, passando pelo *homo habilis*, pelo *homo erectus* e pelo arcaico *homo sapiens*. O que ocorreu nesse limiar da passagem para um sistema de linguagem organizado pela sintaxe nos revela como surgiu o *homo sapiens sapiens*. Houve aí um acontecimento evolutivo que passou a dar ao ser humano um lugar único no mundo natural.

Resgatemos a memória de nossa sociedade. Aprendamos com os primeiros *homo sapiens sapiens*, que se reuniam para construir uma identidade coletiva através da arte, dando origem a aqueles que somos.

Chronos e kairós

Os gregos antigos definiam diferentemente o tempo a partir de duas palavras: *chronos* e *kairos*. Enquanto o primeiro refere-se ao tempo cronológico que pode ser medido, esse último significa "o momento certo" ou "oportuno": um momento indeterminado em que algo especial acontece. Em teologia descreve a forma qualitativa do tempo (o "tempo de Deus"), enquanto *chronos* é de natureza quantitativa (o "tempo dos homens").

Chronos é o nome do deus que personificava o tempo. Teria dado início ao universo.

Kairós é o momento de agir e a necessidade do momento. É traduzido como momento oportuno. É o encontro do dom e da técnica, o que torna o *kairós* a medida do qualitativo. Essa era uma obsessão grega: medir o qualitativo. Foi Longino, ao estudar o sublime, quem lhes ofereceu essa perspectiva.

O conceito de *kairós* aparece com vários nomes para nós: *estalo*, como no episódio do estalo de Antônio Vieira, *insight* em obras de cunho acadêmico, e *momento* na definição de May. Acredito que todos estes termos remetem à mesma situação no tempo: o encontro instaurador de realidades que possibilita a criação na arte e na ciência.

Vallumbrosius

O padre Landell tem admiradores entusiasmados que pesquisaram sua vida e obra. Eles impediram que a história de Landell fosse esquecida, e foram o fio de Ariadne a perpetuar a memória de seus grandes feitos: mostraram o pioneirismo no rádio, iluminaram as entradas do labirinto de informações desconstruídas e alcançaram o centro ao nos legarem os registros das patentes brasileira e americanas, ao mostrarem como Landell construiu seu transmissor de ondas, ao provar que este funcionava. Por essas e outras descobertas, hoje fazemos uma imagem precisa do sábio cientista que viveu em nosso meio. Sabemos que ele foi um dos cem maiores cientistas de todos os tempos, dado o alcance de sua invenção, e sabemos que seus contemporâneos agiram com indiferença, exatamente como reagiriam os prisioneiros na alegoria da caverna em presença do herói anônimo. Num país como o nosso, tão carente de heróis, que busca erroneamente o heroísmo em participantes basbaques de reality shows, é insultuoso que um herói autêntico seja tão desprezado pelas instituições sociais e acadêmicas. Deveria haver grupos de estudo sobre Landell com integrantes oriundos da Matemática, da História, da Física, da Teologia. Deveria haver logradouros com seu nome,

já que Porto Alegre costuma prestigiar seus filhos eméritos. Havia uma praça, rebatizada de João Paulo I. Há uma rua Landell de Moura, que infelizmente não é dedicada a ele, e sim a um parente farmacêutico. Há uma fundação educacional em sua homenagem, a Feplam.

A cidade de Porto Alegre tem uma dívida com Roberto Landell de Moura. Como porto-alegrense, sentia um misto de náusea e culpa quando ouvia alguém contando a história do padre que inventou o rádio mas não obteve reconhecimento. Desejava que sua história chegasse ao conhecimento de toda a população, para que recebesse um tardio reconhecimento por seus feitos, que são dos raros triunfos da inteligência em nosso meio. Eu esperava que alguém executasse essa tarefa. Após reflexão, percebi que não devia esperar nada nem culpar ninguém, e decidi assumir meu papel nessa história. Eu contaria a história do Padre Landell, para que a nossa geração soubesse quem ele foi e prestasse homenagem a suas conquistas. Essa tarefa não seria possível se eu só tivesse as imagens das sombras na caverna. Felizmente, eu contava com depoimentos consistentes, diria até solares, que comprovavam os feitos e explicavam as teorias científicas: escrever esta novela se tornava possível. Assim pago meu tributo aos biógrafos de Landell.

Ivan Dornelles reúne documentos e reportagens sobre o padre Landell, numa pesquisa séria com resultado consistente. Ele inova ao fazer um perfil detalhado da família Landell, além de reunir textos de autoria do padre.

Luiz Netto é radioamador. Já produziu vários vídeos e sítios na internet que explicam o funcionamento dos inventos de Landell. É um dos coordenadores de Movimento Landell de Moura, que intenta a valorização do padre nos livros de história.

Vânia Abatte compilou manuscritos do padre Landell após pacienzosa consulta ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Com isso, tornou acessível ao público (e a mim) o relato do exorcismo e as cartas de Vallumbrosius, entre outros textos.

Entre os biógrafos, o de produção mais extensa, e que o acompanha há mais tempo (desde 1976), chama-se Hamilton Almeida. Sua última obra, com o subtítulo *Um herói sem glória*, é o texto mais completo sobre o padre Landell. Ele apresenta o pensamentos religioso e o científico de Landell.

O conjunto dessas obras perfaz um corpo extenso e rico de informes. Pode-se dizer sem medo que quase tudo que poderia ser dito o foi, e muito bem. Mas sempre há lacunas a serem preenchidas, e me comprazo ao anunciar minha contribuição inédita aos estudos sobre Landell de Moura.

É reconhecida por todos os biógrafos como sendo de Landell a autoria das cartas de Bernardus Vallumbrosius, fato comprovado por seus manuscritos. Ele utilizou este pseudônimo para enganar a censura que supostamente adviria da instituição a que pertencia. Se concordarmos com essa assertiva, subsiste uma dúvida: há algum significado oculto nesse nome, ou ele seria uma escolha aleatória ?

O nome foi escrito em latim, idioma que à época era ensinado em escolas e praticado nas missas. Em nosso tempo, seu uso é mais restrito, o que torna mais difícil a decifração desse enigma. *Bernardus* quer dizer valente. *Vallumbrosius* remete a *umbrosa vallis*, que significa vale sombrio. Uma informação interessante, poderia ser o nome do livro, mas ainda não acrescia ao que eu sabia do padre.

Em meus estudos sobre Galileu, deparei com uma informação nova: “(Galileu) cursou o ginásio vizinho da casa nova até os treze (anos), quando foi para o mosteiro beneditino de **Vallombrosa** aprender grego, latim e lógica”. (Dava Sobel, *A Filha de Galileu*, p.26. O grifo é meu).

Vallombrosa também é originária da expressão *umbrosa vallis*. É o mesmo significado. Apenas a forma foi ligeiramente alterada na passagem para o italiano, contudo mantém-se o mesmo poderoso sentido. Esse termo é o elo visível entre Landell e Galileu: é uma espécie de filiação teórica, uma escolha consciente do cientista brasileiro.

A pergunta óbvia seria por que Landell optou por se identificar a Galileu. É consabido que o cientista italiano foi o autor de descobertas polêmicas, que contrariavam o código vigente, e foi por isso censurado, tendo vivido em “prisão domiciliar” por ordem da Igreja. Com essas informações penso ter respondido à pergunta.

Vallumbrosius não é uma escolha aleatória, é a senha para os valores defendidos por Landell, acima mencionados. É a piscadela dada pelo cientista para denunciar de modo sutil sua condição de censurado. A alusão a Galileu é, mais que propícia, lapidar. Essa piscadela só seria percebida por alguém que conhecesse as biografias de ambos os cientistas, deduzindo por conta própria aquilo que ele não poderia dizer. Surpreende o extremo cuidado com que o fez, razão pela qual escapou da censura. O nome Vallumbrosius tem outra função, além de vinculá-lo a Galileu: é a confirmação de que o autor do livro, exatamente por causa desse vínculo, e pela exatidão da escolha, só pode ser Landell de Moura.

Escrevendo *O livro das sombras*

Os símbolos

O símbolo se diferencia do signo e anima os arquétipos e mitos, ou seja, o imaginário. Quando se reconhecem duas significações em uma palavra, a relação entre essas significações é de ordem simbólica. Essa concepção foi importante para a elaboração dos sonhos de Landell. A seguir, proponho um exercício de análise dos símbolos na construção dos sonhos da obra, tomando o cuidado de não cair no reducionismo que anularia os próprios símbolos. Meu referencial é o Dicionário de símbolos, de Jean Chevalier.

No capítulo 10, *Um sonho*, “Ele caminha por um **jardim**, em direção a uma **fonte**. Atravessa um **túnel**, a **névoa** encobre a visão. Flores compõem um círculo ao seu redor”.

O jardim é o símbolo do paraíso terrestre. É o centro do Cosmo e a representação dos estados espirituais. Simboliza a vitória da cultura sobre a natureza, da ordem sobre a desordem, e da consciência sobre o inconsciente. Representa um sonho do mundo. Quando em sonhos, como no presente caso, é a expressão de um desejo livre de ansiedade. Com o jardim, eu esperava envolver o leitor na esfera do sagrado e do espiritual. Esse simbolismo é ampliado pela associação com a fonte. A fonte no centro do jardim é a fonte da juventude e do ensinamento.

Por sua vez, o túnel é a via de passagem comum a todos os ritos de iniciação. Embora seja repleto de escuridão, conduz de uma zona de luz a outra. O túnel trai uma impaciência em satisfazer um desejo.

O nevoeiro é o símbolo do indeterminado. A personagem já saiu do túnel, mas não faz ideia do que a aguarda. O túnel é o prelúdio da manifestação: por exemplo, na ocasião em que Deus se revela a Moisés, ele surge entre névoas. Na obra em questão, o túnel e o nevoeiro simbolizam a passagem e a antevisão da iluminação seguinte.

As **sombras** cedem espaço a um feixe de **luz**. Pouco a pouco, ela se faz presente e ilumina a noite escura. É uma noite clarificada. Não há sol, mas um lume e, logo abaixo dele, um **Homem** do qual se vê apenas a forma, sem traços definidos e sem rosto. O Homem estende o braço em sua direção.

Não há mais névoa na noite densamente iluminada. A luz preenche toda a escuridão.(...)

As sombras, dada sua relevância, serão estudadas no tópico seguinte. Por ora, basta dizer que luz e trevas – ou iluminação e ignorância – têm a mesma natureza. Quanto à luz: ela representa o Amor, quando se separa do fogo. Representa ainda a vida, a salvação e a felicidade dadas por Deus. O pólo da luz é ao meio-dia, o instante imóvel e sem sombra, representando a intensidade luminosa do face-a-face com Deus. Ele experimenta a ascensão e a queda. A ascensão está associada a imagens luminosas e ao sentimento de euforia, enquanto a queda está associada a imagens sombrias e ao sentimento de medo. O Homem é um microcosmo, um modelo reduzido do mundo, e ocupa o centro do mundo dos símbolos. É como se fosse o mundo: para a consciência do homem, seu nascimento equivale ao nascimento do mundo, e sua morte equivale ao fim do mundo. Assim define a Bíblia a relação entre o homem e Deus: “façamos o homem à nossa imagem como nossa semelhança”. Aproveito a passagem para elaborar uma divindade com traços e contornos humanos, embora sem rosto.

O episódio 11, *Outro sonho*, trata das relações dele com o mundo, e de como sua trajetória pessoal vitoriosa foi prejudicada por fenômenos externos: “Landell entra no **labirinto**. Carrega um saco de pedras e um novelo de linhas. Ele atravessa o labirinto e, com a ajuda da **linha**, alcança o centro. Mas o labirinto se move e a linha se rompe”.

O labirinto é o entrecruzamento de caminhos, dos quais alguns não têm saída. Deve permitir o acesso ao centro por meio de uma viagem iniciatória. Serve para a defesa da cidade ou da casa. Pode ter função militar ou religiosa. Neste caso, o centro está reservado ao iniciado que é digno de chegar à revelação. Ele representa o esforço do iniciado para concentrar-se em si mesmo, em meio a sensações e emoções. Este deve voltar à luz sem se deixar prender nos desvios das veredas. O labirinto conduz o homem ao interior de si – santuário interior e escondido – onde ele reencontra a unidade perdida do ser, que estava dispersa na multidão de desejos. O personagem está numa busca interior, e alcança o centro três vezes. Nas duas primeiras usa o fio de linho e as pedras, mas o labirinto era móvel e se reconfigurava, tal como se reconfiguravam os desafios, os seus e os do mundo. Na terceira tentativa já não dispunha de auxílios, agia unicamente guiado pela fé.

O fio no labirinto remete diretamente ao fio de Ariadne. Ele representa o auxílio espiritual necessário para vencer o monstro; o vínculo entre os diferentes níveis cósmicos e psicológicos. O fio liga todos os estados da existência entre si e ao seu princípio. Para a mulher, fiar e tecer é associar-se à obra criadora – um bom exemplo é o conto *A moça tecelã*, de Marina Colasanti. Landell atingiu o centro do labirinto – o centro de si – pelo espírito, pelo corpo e pela fé. Ao final foi impedido de chegar ao centro por um obstáculo fora da lógica interna do jogo, assim como foi ignorado e combatido mesmo após comprovar a validade de seus inventos.

Tomo o cuidado de não fazer numa leitura exaustiva, porque os símbolos não se esgotam em uma única leitura. Certamente o leitor encontrará outros significados para o universo onírico representado, uns mais válidos que outros. Uma análise exaustiva constituiria uma obra à parte. Por ora, limito-me a apresentar o esboço de uma leitura possível para a simbólica da obra.

As sombras

Oposta à luz de um lado, de outro a sombra é a própria imagem das coisas fugidias. Para povos africanos, é a segunda natureza dos seres e das coisas e está ligada à morte. É o único alimento no reino dos mortos.

Povos indígenas da América do Sul usam a mesma palavra para alma, sombra e imagem. A fusão de palavras pertence a eles, mas ilumina uma possibilidade de sinonímia entre os termos. De fato, a sombra está ligada à alma, como no caso do homem que a vendeu ao diabo: ele perde a sombra porque não tem mais ser. Ele não mais se pertence, deixou de existir enquanto ser espiritual. Essa metáfora foi oportuna para o desenvolvimento da novela em questão. Com efeito, os episódios ligados a sombras apresentam um conflito espiritual: a sombra como símbolo da alma que sofre.

A sombra pode ser vista como um duplo. Lutz Müller analisa o caso do irmão-sombra do herói. Ele considera que o duplo pode estar presente nas variações de humor do próprio herói, como no caso de Hércules. Porém, o caso mais comum é o do irmão-sombra, um antagonista que revela o lado egoísta e sedento de poder do herói. Aliar-se ao irmão-sombra, como Gilgamesh fez com Enkidu, indica a superação dessa tendência. Sucumbir à sombra do herói é fácil, porque ela se reveste de uma máscara sedutora e altruísta. É o caso da pessoa

prestativa: sua fachada é forte e suntuosa. O outro aspecto da sombra, complementar a este, é que a pessoa prestativa age como um bebê abandonado, ignorando seu anseio por aceitação.

É certo que todos temos um lado sombrio, que pode ser expresso por um duplo ou por uma variação de humor. A personagem Landell encontra-se constantemente a um passo de sucumbir à própria sombra. Ele cai no momento em que destrói a própria oficina, convertendo-se na sombra de si.

A alegoria da caverna

Numa caverna subterrânea, vemos homens acorrentados nos braços, pernas e pescoço. Sua única visão é a parede da caverna. São iluminados por uma fogueira distante e às costas. Só veem as sombras projetadas pela fogueira na parede oposta.

Pensavam que a realidade fosse a sombra dos objetos. Tomavam por reais as sombras, e as nomeavam. As vozes vindas do fundo, acreditavam vir das sombras que passavam.

Um deles é solto, mas ainda não consegue ver: o deslumbramento o cegaria. Para ele, as sombras da caverna pareceriam mais reais que os objetos apresentados. Aos poucos amplia sua visão: primeiro à noite, depois a imagem refletida na água, afinal contempla o sol diretamente.

Ele volta à caverna. Demora a se reambientar. Os outros diriam que ele estragou a vista e que não valia a pena tal ascensão. É difícil ao liberto comparar o mundo visível aos olhos à prisão da caverna, e a luz frágil da fogueira à força do Sol. Em vão, discutiu sobre as imagens das sombras com quem jamais viu a justiça.

Este poderia ser o resumo d'O Livro das Sombras. Porém, é o resumo da alegoria da caverna, contada na República, de Platão. Os símbolos não são os mesmos, mas ocorre a repetição da mesma história. Também Landell sai de seu meio, desenvolve seu aprendizado, obtêm uma vitória decisiva e retorna para ensinar o que aprendeu. Encontra um ambiente hostil aos seus propósitos, e não logra sucesso.

Tanto Landell quanto o personagem anônimo de Platão realizam a jornada do herói, acima descrita. As semelhanças são ainda maiores se considerarmos que ele é um sábio e um cientista, e a alegoria da caverna remete à concepção platônica de educação, especialmente à Dialética. Esse sistema preconiza o aprendizado (apenas pela inteligência) da essência do

bem. Liberto das algemas, o homem pode voltar-se das sombras para a luz. A luz da fogueira na caverna é uma imagem pálida se comparada à luz do Sol. As perturbações visuais são duplas: da passagem da luz à sombra, e da sombra à luz. A mesma perturbação ocorre com a alma, que deve elevar-se à contemplação do mais excelente dos seres, tal como os olhos contemplavam o visível.

Em minha novela, preservo estes elementos, e busco evidenciar a indigência cultural das elites. Landell é um herói, mas sua trajetória é espiritual.

A jornada do herói

Campbell (2005) apresenta o percurso padrão da aventura mitológica a partir da seguinte fórmula: separação – iniciação – retorno. Assim, um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região prodigiosa, obtém uma vitória decisiva e completa seu aprendizado, finalmente retorna à sociedade, se reintegra e traz benefícios a seus semelhantes. Os exemplos citados textualmente são Prometeu, Jasão, Buda e Moisés. Poderíamos acrescentar os romances de cavalaria, os heróis de histórias em quadrinhos e muitos outros. Porém, o que interessa neste estudo é que Landell também percorre a jornada do herói.

A separação ocorre quando Landell sai de Porto Alegre com destino a Roma, passando antes pelo Rio de Janeiro. Na antiga capital federal, Landell constrói um telefone com fio, apenas um ano depois de Graham Bell, feito menor em sua carreira, ainda que considerável. Em Roma ele obtém formação primorosa na Universidade Gregoriana. No Brasil, realiza experimentos e consegue transmitir a voz humana por oito quilômetros, mas novamente se afasta e obtém três patentes nos Estados Unidos da América. Da formação em Roma até os anos estadunidenses, ele vive os anos de iniciação.

O retorno (e reintegração) à sociedade é a parte mais problemática da jornada do herói, e não foi diferente na jornada de Landell. Segundo Campbell, o herói pode não querer retornar, pode ser punido por não submeter-se aos rituais de iniciação, ou ainda ao fazer “um voluntário e seguro retorno, poderá deparar-se com uma tal incompreensão e desconsideração por parte daqueles a quem foi auxiliar que sua carreira entrará em colapso.” Essa é a definição precisa do que ocorreu com Landell. Sem apoio financeiro, sem um meio acadêmico solidificado, acusado de bruxo e de espírita, repreendido pela igreja por suas prédicas e pelas experiências com hipnose, ignorado pelo poder público, criticado por ideias consideradas

contrárias à fé cristã, Landell desistiu da carreira científica e passou a se dedicar exclusivamente ao sacerdócio.

O sonho ficcional

John Gardner (1997) afirma que não há regras para o bem escrever, e enumera conselhos para o escritor iniciante: “Não tente escrever sem conhecer os rudimentos da composição; não tente escrever sobre aquilo que você já conhece, escolha um gênero; crie uma espécie de sonho na mente do leitor e fuja como uma peste de tudo o que possa distraí-lo”. Destaco a seguir a questão do sonho ficcional.

O sonho deve ser expressivo e contínuo. Expressivo porque devemos estar cientes de quem são os personagens e o que fazem, senão nossas emoções serão confusas ou bloqueadas. Contínuo porque, se o fluxo de ação não for assim, resultará enfraquecido.

Gardner ensina que um dos piores erros de um escritor seria permitir ou induzir o leitor a distrair-se do sonho ficcional. O escritor erra quando, por falha técnica ou intromissão involuntária, permite que o leitor pare de pensar na história para pensar em outra coisa. Para conseguir expressividade, ele deve investir nos detalhes, e para que a cena seja contínua, ele deve evitar que o leitor desvie a atenção da cena narrada.

Exemplifico tal fato no episódio 26, As duas igrejas. Ocorre neste uma deliberada interrupção do relato para discutir a insubordinação do padre, revelando a surpreendente visão deste sobre a instituição em que atuava. Tal interrupção congela a cena, como na função pause do controle remoto, mas não a desvia: a discussão explica a atuação de Landell e amplia o entendimento do leitor, sem distraí-lo.

O pão, o trigo e a escrita criativa

O pão é um produto industrial. Se dispusermos de farinha de trigo, água, azeite, sal e fermento, podemos fazer o tanto que quisermos em uma tarde, observando os limites de ingredientes e da máquina que o fará.

O trigo é um produto da natureza. Podemos plantá-lo, adubá-lo, colhê-lo. Não decidimos quando ele será moído. Ele é o resultado de uma lenta maturação que não pode ser apressada. Ele não é um objeto. Não manipulamos o trigo a bel-prazer, antes entramos em uma relação fértil com ele. Diferente do pão, o trigo não nos pertence, e sim ao solo.

Na ocasião da defesa de dissertação, muitas sugestões de leitura foram dadas. Serão úteis, é certo, em um eventual doutoramento. Foi sugerido que eu privilegiasse um estudioso da linguagem, por exemplo Bakhtin, e fizesse um estudo aprofundado sobre esse autor. Esse conselho exigiria que eu deslocasse meu objeto de estudo: da produção artística para um estudo eminentemente teórico. Contudo, se dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço, e se eu seguisse este conselho, qual seria o lugar da escrita criativa?

Esse é o problema: nós, da escrita criativa, não fazemos pão. Nós fazemos trigo. Fazer um estudo crítico a partir de um autor é fazer pão, o pós-graduando pisa sempre em solo firme. Por outro lado, escrever uma narrativa longa significa fazer uma pesquisa diferenciada, testar e descartar fórmulas, criar formas novas. Não se trata de exaltar uma área e menoscar a outra, ou de apreciar a que for mais 'objetiva': trata-se apenas de reconhecer que são modalidades diferentes. É semelhante à distinção que Gardner estabelece entre o professor e o escritor: enquanto o professor pisa em solo firme, o escritor ultrapassa um terreno arenoso.

Outra questão geral é o tempo prescrito. Não apenas para esta área, mas para todas, isso compromete a qualidade do texto, porque dois anos são insuficientes para formar um intelectual. Essa situação foi criada há cerca de quinze anos, quando se reduziu o tempo do mestrado de três para dois anos, com a intenção de incrementar o número de mestrandos no país. Essa política foi um sucesso, o número de mestres e doutores aumentou, mas exatamente por isso ela deve ser revista.

Outro problema é a escrita simultânea do ensaio e da narrativa. Dado que exigem estratégias diferentes, e que demandam modalidades de raciocínio que agem em lados opostos do cérebro, seria melhor que fossem entregues em prazos diferentes. Outra opção seria manter a atual estrutura, mas com mais etapas, e que a banca da qualificação fosse a mesma da defesa, para que as expectativas de avaliadores e avaliado pudessem ser as mesmas.

Por outro lado, esse período de pós-graduação foi especialmente fecundo no que diz respeito a reinventar os referenciais teóricos adotados. Incluí em meus estudos campos tão diversos como a Mitologia, a Filosofia e a Psicanálise. Assim, avancei vários passos na direção da autonomia intelectual: aprendi a buscar caminhos e mais, a criá-los.

Agradeço ao meu orientador e aos demais professores por criarem o ambiente propício às descobertas, capaz de viabilizar o encontro. Graças a eles, os 24 meses de mestrado foram suficientes não apenas para preparar o pão, mas para cultivar o trigo.

Sabemos de colegas que, devido à exiguidade do tempo, solicitaram prorrogação para a entrega de dissertação, e não é o caso desse trabalho. Todos os prazos foram respeitados, e

os critérios para obtenção do diploma foram obedecidos. Houve perda na qualidade, porque tivemos de antecipar a colheita do trigo. Mas fizemos um trabalho honrado. Questões ficaram a ser respondidas, possivelmente em um eventual doutorado. Saliento que todas as exigências institucionais foram cumpridas, e todas as orientações para a consecução da obra foram seguidas.

A estrutura da obra

Dividi o texto em cinco partes: O telefone, As sombras, A proposta, Um exorcismo e Vallumbrosius.

O telefone trata da formação de Landell, desde a infância até o primeiro invento.

As sombras tematiza a reação aos inventos, culminando na destruição da oficina.

A proposta compreende o período vivido em Nova Iorque.

Um exorcismo relata e reflete as experiências vividas durante a realização de um ritual exorcista.

Vallumbrosius reúne os episódios vividos na maturidade em Porto Alegre.

O telefone

O fio e o caracol é uma re-edição do mito de Dédalo, a partir de uma história pouco citada, em que Dédalo resolve um difícil enigma proposto pelo Rei Minos.

A luneta é uma homenagem a Galileu, através do objeto por ele popularizado.

A alavanca é a adaptação de uma história vivida por Arquimedes, transposta para a Porto Alegre de 1880.

As três primeiras histórias têm por função oferecer um parentesco semântico a Landell, vinculando-o a dois cientistas e inserindo-o no campo do mito. São a apresentação da personagem pelo que ela faz.

O telefone é o relato da resolução precoce de um problema. É a primeira manifestação do gênio, e moldará o caráter da personagem, em sua obsessão pela ciência.

Eis-me aqui é a exposição da influência paterna na opção pelo sacerdócio. A religiosidade de Landell é apresentada tanto como derivada dessa influência quanto como uma pulsão interior.

No ar apresenta o primeiro insight de Landell. A urgência desse insight é marcada pela interrupção da escrita de uma carta.

A sarça ardente registra a manifestação da religiosidade própria, sem influência, antes de officiar a primeira missa.

Pedro II traz a discussão científica com uma das maiores autoridades do Brasil. Algo como o episódio de Jesus com os sábios do templo.

Extrema-unção é a confissão dos crimes do arvoredo por Catarina Paulse.

As sombras

Um sonho revela o desejo da personagem de falar com Deus, sendo uma versão da cena bíblica da sarça ardente.

Outro sonho é ao mesmo tempo mítico e premonitório, funcionando como antecipação dos conflitos seguintes, especialmente de *As sombras*. Simboliza o medo da personagem de que a coletividade impeça o seu avanço espiritual.

Não é verdade! é uma crítica às credices populares, e ao clamor por milagres onde só há banalidades. É uma ação do cientista contra o senso comum.

Religião em casa apresenta as visões particulares do padre sobre religião, mostrando sua atuação no cenário íntimo.

Prenda o padre! aborda o conflito entre o poder religioso(padre) e o secular (prefeito), em torno de um assunto não nomeado. Não me interessava o assunto, e sim o fato curioso de uma ordem de prisão contra um padre dentro da igreja e durante a missa.

O rádio no ar é um episódio solar, um triunfo do gênio, com a realização das experiências. Pode ser visto ainda como a vitória momentânea do intelecto sobre a ignorância.

As Sombras é uma reviravolta em relação ao episódio anterior. Temos aqui a vitória definitiva da ignorância, com a repressão ao pensamento científico.

A proposta

Nova Iorque registra a chegada de Landell à cidade, suas dificuldades para obter patentes, sua amizade com Daniel Tamagno. A personagem busca seu lugar na cidade, na verdade busca seu lugar no mundo.

Pneumonia relata um dos obstáculos mais sérios para o registro das patentes: a doença que vitimou a personagem. Optei por descrever uma crise de asma brônquica, como um primeiro sinal da pneumonia.

Carta a Guilherme antecipa e sumariza a viagem a Cuba. Todavia, o relato mais importante se situa no *post-scriptum*, no qual Landell relata a proibição de officiar.

Os inventores é o relato de uma bem-aventurança da personagem com o meio, a única em todo o livro. Procurei fazer o momento mais feliz de Landell, onde ele fala para iguais e não limita sua inteligência.

A *proposta* é uma demonstração do caráter incorruptível da personagem. Equivale à cena bíblica da tentação de Cristo. É realizada no alto de um arranha-céu, a exemplo da montanha, porque o conflito é espiritual, e não material como pode parecer.

A *entrevista* funciona como exposição sincera das ideias e medos de Landell, cujas informações prestadas a um repórter estrangeiro dispensam os condicionamentos que geram a censura e a mentira.

Um exorcismo

Três curas? apresenta Landell como um santo em potência. Funciona como introdução à narrativa do exorcismo, nos episódios seguintes.

Um exorcismo é primeiro episódio sobre o tema-título, no qual se mostra a relação entre a personagem e o espírito Luci, e se aponta o conflito com o bispo.

Atormentadores narra o conflito com espíritos maus.

Em *As duas igrejas*, Landell desconstrói a autoridade do bispo e revela sua surpreendente filiação a outra igreja, exatamente como Dédalo faria. A suposta Igreja de Jesus poderia parecer um devaneio, mas é apresentada como a racionalização de um compromisso com sua arte, no caso o exorcismo como um exercício de espiritualidade e de genuína curiosidade científica. É uma pausa na ação e uma exposição do pensamento da personagem.

Vida, ossos, carne é a manifestação física de um espírito benéfico. A tensão gerada desse encontro é semelhante, mas não igual, à tensão sexual.

Aqueles que são maus mostra a cruzada religiosa da personagem contra o espiritismo, quando Landell se desvia do objetivo de auxiliar a menina e passa a querer provar cientificamente o equívoco do espiritismo.

Verdade ou mistificação é o triste fim dessa empreitada, marcado por conflitos com espíritos, com o bispo e com sua proposta de ação.

Procurei intencionalmente fugir da nomenclatura espírita, que estava à mão. Se a personagem combatia o espiritismo, ainda que o praticasse involuntariamente, pareceria forçado empregar os termos dos “que são maus”. Por isso o termo espíritos é substituído por invisíveis, e o termo zombeteiros é trocado por atormentadores, havendo pouca diferença semântica, era mais uma questão de campo discursivo.

Vallumbrosius

Porto Alegre, 1908 é a apresentação da cidade ao leitor, com o relato das grandes mudanças da época. Ao falar dos chapéus masculinos, aludi às diferentes classes sociais, muito definidas, à semelhança de castas. Este será o cenário das desventuras finais de Landell.

A caixinha mostra o estranhamento causado pelo aparelho de rádio durante uma missa, revelando também o exótico comportamento do padre, com leve traço de humor.

Apesar do título, *No cinema* trata mesmo é da experiência interior com a música, em total alheamento do meio.

Outros planetas aborda a reunião do presidente com seu assessor em que se decidiu negar a proposta de Landell de realizar um experimento, com a exposição de seus fúteis motivos.

A sombra é o momento de maior queda de Landell, em que ele destrói seu laboratório e abandona os inventos. Mesmo em *As sombras*, episódio análogo, o interior da personagem não havia sido abalado. É o episódio com maiores contornos trágicos, elaborado como uma descida sem escalas do céu ao inferno.

O acidente relata o atropelamento da personagem, assim como sua reação inteligente, reação essa só possível a um gênio da ciência.

Em *Terá pai a chuva?*, Reinaldo questiona primeiro o distanciamento e depois a existência de Deus. A resposta de Landell virá no episódio seguinte, *Quem gera as gotas de orvalho?*. A resposta a Reinaldo foi baseada em *Jó*, na forma, no conteúdo, até no título. Também a estrutura destes capítulos semelha *Jó*.

Era preciso mostrar as ideias da personagem sobre ciência e fé, num cenário privado e descontraído, próprio da vida íntima. Fiz isso em *Sobrinhos*.

Catequese é o episódio em que Landell converte prostitutas, mesmo contra a opinião geral. Mostrei seu lado padre, com o intuito inteligente de converter os gentios, mostrei o seu lado humano, de solidariedade com as despossuídas, mostrei o seu lado religioso, de que todos podem ser salvos.

Sobre a natureza é um exercício polifônico, no qual três personagens interpretam um sermão de Landell.

De onde provém a sabedoria é o testamento religioso de Landell. Talvez ficasse melhor como o último episódio do livro.

O monsenhor apresenta uma visão crítica das ações de Landell, feita por um superior.

A intenção evidente é desfazer o discurso monocórdio do texto, mostrando um diferente ponto de vista.

Há uma ironia no título de *Primeira transmissão*. O leitor sabe que Landell transmitiu a voz muito antes de Marconi. Landell conversa com a empregada sobre o filho dela, mas a história invisível é o impacto da indiferença nacional a seu pioneirismo.

Em *Celeste vai casar*, Landell fala sobre o amor físico.

A besta e o anjo retoma *Extrema-unção*, apresentando uma discussão sobre a natureza do homem.

Através de uma carta, em *Vallumbrosius*, a personagem revela a alguém de sua confiança as razões pelas quais adota um pseudônimo.

A última missa da personagem, já avançada na idade e na doença, é mostrada em *Despedida*.

Por piedade cristã, dei a Landell o encontro com a divindade em *Epílogo*, no qual relato seu encontro face a face com Deus. Este epílogo foi anunciado nos episódios 5, 7, e 10, relativos todos à sarça ardente.

Isso é o feito. Há ainda o defeito, aquilo que não fiz. No projeto inicial, constava a proposta de expor o personagem aos pecados capitais. Realizei a ira, a avareza, e adicionei a blasfêmia, que para o personagem é pior que todos os pecados juntos. Um episódio sobre a luxúria foi arquivado, assim como a apresentação das personagens ligadas a Porto Alegre, com o título Roda de Chimarrão. Pretendo retomar estas questões numa segunda versão.

Para ser sincero, meu mérito não está no enredo, pois a personagem veio 'pronta', com exorcismo, patente, perseguição. Meu mérito está em relacionar a personagem Landell à Bíblia, à ciência e aos mitos, está na interpretação do Landell histórico, tornando-o simbólico, e oferecendo uma base mítica. Eu não criei a personagem Landell do nada, eu simplesmente dei-lhe um sentido.

Não há conflito entre Landell personagem e Landell 'real'. O personagem é sobreposto à imagem do real. Ele atua em outros níveis, como o mitológico. Pelo menos é o que penso: construir o arquétipo do cientista é operar no campo do mito.

Eu não conheci pessoalmente o padre Landell, visto que nasci 47 anos após sua morte. Recebi informações sobre ele através de biografias, todas muito favoráveis. Era preciso encontrar um novo discurso sobre ele, torná-lo mais humano, apresentar defeitos. Tive dificuldades, pois o discurso sobre ele não mostrava flancos: era um gênio da ciência, e na vida pessoal um asceta, inimigo dos vícios e excessos. A única crítica, mencionada de

passagem, referia-se a ele como um homem severo consigo e com os outros. Minha admiração pessoal por ele também me impedia de observar seus defeitos.

Na verdade Landell tinha sim defeitos: desentendimentos com superiores, discussões com fiéis na paróquia. Teria recebido voz de prisão na igreja em Campinas, em episódio ainda inexplicado. É inegável sua condição de gênio e sábio, porém pode ser visto como um homem com altíssimo quociente intelectual e um quociente emocional proporcionalmente baixo. Tive e tenho dificuldade em retratar seus defeitos, pois eles parecem justificáveis frente à visão de mundo do padre. Contudo, a obsessão pelo ideal o leva a adotar um ponto de vista radical, de tudo ou nada, e por querer o céu ficou sem as nuvens. Sobrava-lhe inteligência, faltava-lhe senso político. Mostrar os defeitos de Landell é uma questão ainda não equacionada, o que exigirá uma segunda versão da novela. Essa informação é necessária para evitar que o texto caia na hagiografia pura.

Embora importante, essa não era a minha questão urgente. Busquei mostrar o conflito entre Landell e o meio: o superior, o fiel, o prefeito, a multidão. Todos os insights de Landell ocorrem quando ele está sozinho, menos no cinema, mas nesse caso a presença de outros é ignorada, não há outros personagens nomeados, é como se não estivessem ali. Já as situações negativas ocorrem em grupo. Preferi mostrar um personagem desajustado ao meio. Como exceção, o episódio 20, com os inventores, no qual exerce seu intelecto em harmonia com o grupo.

Dois momentos negativos – pulsões de morte – são os episódios 16, As sombras e 34, A sombra. Ambos simbolizam o fracasso, estão ligados à falência do ideal. Ele buscava a Deus através da ciência, e mesmo no exorcismo ele queria uma explicação científica de Deus. Quando essa porta foi fechada, ele buscou refúgio na religião. Em minha interpretação, a perda da ciência não foi a perda da fé, foi somente a perda da esperança de religar ciência e religião.

Não falo do padre, só da personagem. É a minha interpretação do Landell, o meu ponto de encontro com ele. Para mim, Landell é um símbolo, por isso deixemos que os símbolos simbolizem.

Considerações finais

As críticas à obra são naturais. Entre o que se sonha e o que se cumpre há um abismo e um repouso. Peço apenas, em nome de uma avaliação justa, que se observem dois aspectos. O

primeiro aspecto é a proposta estética da obra.

Como eu não me propus e escrever um romance histórico, nem uma obra poética ou de ficção científica, não seria justo que me cobrassem isso. Almejei escrever uma novela sobre Landell que tratasse de sua vida e obra, mas que não fosse uma biografia estrita. Por essa razão, trato de sonhos, de mitos, de cientistas, o que não seria possível em um relato biográfico. O intuito era mostrar quem era Landell. Para isso, a terceira pessoa narrativa mostrou-se mais eficiente que a primeira, à exceção do relato do exorcismo e das cartas, que precisavam ser escritos em primeira pessoa. A primeira pessoa narrativa seria mais adequada ao herói romântico que ao clássico, meu modelo. Para mostrar Landell ao leitor, a ficção é mais eficiente que o relato biográfico.

O segundo aspecto a ser considerado é o cumprimento da proposta estética. Avalio ter realizado estritamente aquilo a que me propus. Se eu tivesse escrito um estudo teórico aprofundado sobre Bakhtin neste ensaio, como foi sugerido, estaria traindo minha proposta e o contrato assumido perante esta instituição acadêmica.

O cumprimento da proposta estética foi feito a partir de uma narrativa preferencialmente em terceira pessoa, com episódios em primeira pessoa, com narrador múltiplo, sendo um narrador principal e personagens narradores, com episódios curtos que permitiam relatos a partir de cenas. Julgo haver cumprido integralmente a proposta estética, porém reconheço que este julgamento cabe mais ao leitor, pois é na recepção da obra que se completa o sentido.

Do leitor especializado espero que pese numa balança os erros e acertos da obra, que observe se a obra ilumina novos sentidos, e faça então seu bom julgamento. Como disse Rabelais,

“Boas noites, meus Senhores, por aqui me fico. *Pardonnante my* e não pensai mais nos meus erros do que nos vossos”.

Referências

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro : Ediouro, 2000. 290 p.
- ABATTE, Vania Maria. **Confissões de um padre cientista**. Porto Alegre: 2004. 180p.
- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia: paraíso**. São Paulo, editora 34: 1998.
- ALMEIDA, B. Hamilton. **Padre Landell de Moura: um herói sem glória**. Rio de Janeiro: Record, 2006. 319p.
- _____. **Landell de Moura**. Porto Alegre: Tchê!,1984. 91 p.
- _____. **O outro lado das telecomunicações: a saga do Padre Landell**. Porto Alegre: Sulina,1983. 151 p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 421 p.
- _____. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de Francois Rabelais**. São Paulo; Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008. (Linguagem e Cultura, 12). 419p.
- BARICCO, Alessandro. **Seda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BULFINCH, Thomas. **Mitologia geral : a idade da fábula**. Belo Horizonte : Itatiaia, 1962. 318 p.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 2005.414p.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. 119 p.
- CHEVALIER, Jean; Gheerbrant, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. 996p.
- COLASANTI, Marina. **Doze reis e a moça no labirinto do vento**. São Paulo: Global, 2006. 93p.
- CORREA, Sílvio Marcus de Souza. **Sexualidade e poder na belle époque de Porto Alegre**. Porto Alegre, 1992. 137 f.
- DAMASCENO, Athos. **Palco, salão e picadeiro: em Porto Alegre no século XIX**. Rio de Janeiro: Globo, 1956. 380 p.
- DRUCK, Elida de Freitas e Castro. **Padre Roberto Landell de Moura: bom, justo e sábio**. Porto Alegre: Sulina,1961. 80 p.
- FORNARI, Ernani. **O incrível Padre Landell de Moura: história triste de um inventor brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo,1984. 214 p.

FREITAS, Décio. **O maior crime da terra**: o açougue humano da rua do Arvoredo: Porto Alegre 1863 – 1864. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002. 133 p.

JAEGER, Werner. **Paidéia** : a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 1413 p.

GARDNER, John. **A arte da ficção**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. 287p.

KNOWLES, Christopher. **Nossos deuses são super-heróis**: a história secreta dos super-heróis das revistas em quadrinhos. São Paulo: Cultrix, 2008. 246p.

LONGINO. Do Sublime. In **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 2005.114p.

MAY, Rollo. **A coragem de criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. 143 p.

MOURA, Reynaldo. **Mar do tempo**. Porto Alegre: Globo, 1944. 109 p.

MULLER, Lutz. **O herói** – todos nascemos para ser heróis. São Paulo: Cultrix, 1997. 131p.

PLATÃO. **A república**. São Paulo : Martin Claret, 2007. 320 p.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Lisboa: Contexto, 1995. 69p.

PIGLIA, Ricardo. **O laboratório do escritor**. São paulo: Iluminuras, 1994. 94p.

LOPÉZ QUINTÁS, Alfonso. **Estética**. Petrópolis: Vozes, 1993. 266p.

_____. **Inteligência criativa**: descoberta pessoal de valores. São Paulo: Paulinas, 2004. 430p.

RABELAIS, François. **Pantagruel**. Lisboa: Vega, 1994. 196p.

REIS, Carlos. **Dicionário de narratologia**. 4. ed.rev.aum. Coimbra: Almedina,1994. 459 p.

_____. **O conhecimento da literatura**: introdução aos estudos literários. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. 555p.

RODRIGUES, Ivan Dorneles. **Brasileiro, gaúcho, um gênio diferente**: Landell de Moura. Porto Alegre: CORAG, 2004. 250 p.

RUSCHEL, Nilo. **Rua da Praia**. Porto Alegre: [s.n.],1971. 298 p.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Como se faz literatura**. Petrópolis: Vozes, 1985. 57p.

_____. **O enigma vazio**: impasses da arte e da crítica. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. 335p.

STEIN, Ernildo. **Antropologia filosófica**: questões antropológicas. Ijuí: Unijuí, 2009. 248p.

SOARES, Mozart Pereira. **O positivismo no Brasil**: 200 anos de Augusto Comte. Porto Alegre: AGE, 1998. 205 p.

SOBEL, Dava. **A filha de Galileu**: um relato biográfico de ciência, fé e amor. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 385 p.

STRATHERN, Paul. **Arquimedes e a alavanca em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 87 p.

TREVISAN, Armindo. **A face escondida da criação**. Porto Alegre : Movimento, 2005. 126 p.